



9

ALABAMA



1867

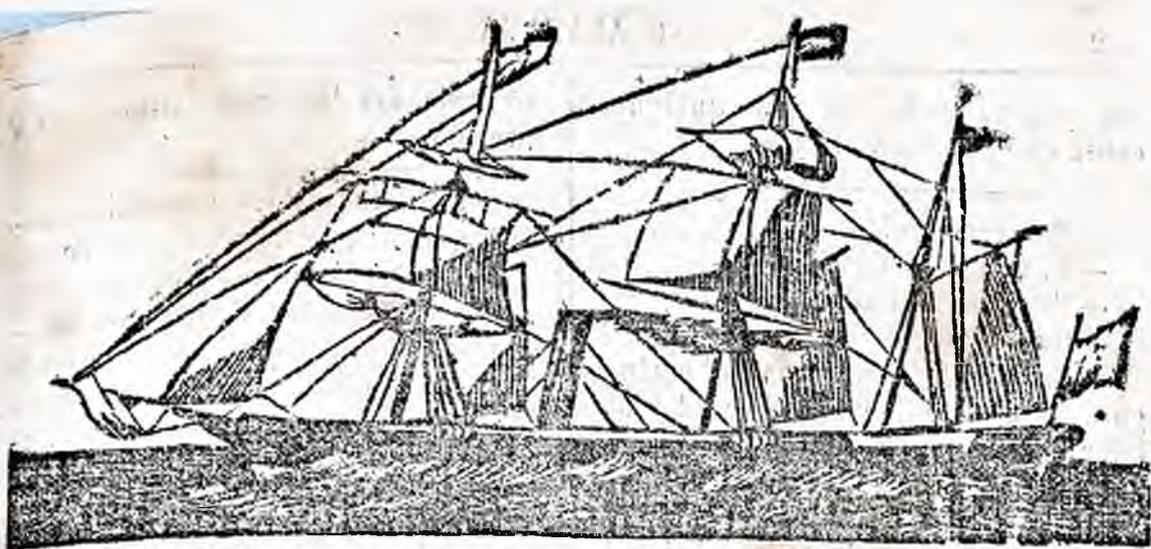
A

1868



I	8
6	20

L. G. H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI. 4 DE JANEIRO DE 1868. SERIE 31.ª—N.ºs. 305 e 306.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 4.º andar, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando for folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 3 de janeiro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, communicando-lhe que em casa da Sra. Maria Luiza Barboza, ao becco da Ordem Terceira, existe a menor orphan Francisca, cujo pae marchou para o Paraguay.

Esta infeliz, alem de andar da maneira a mais desprezivel e porca, é sobre-carregada de serviços desproporcionaes a sua idade, e castigada rigorosamente pela mais leve falta.

Toda visinhança affirmará a S. S. a veracidade do que fica dito, sendo prova mais evidente o estado da propria infeliz.

Espera-se que S. S. condoendo-se da sorte dessa coitadinha, cujo pae anda derramando seu sangue em defeza da patria, a faça recolher a um estabelecimento pio, onde receba educação regular e não seja tão maltratada.

Portaria ao morador da casa 53, ao Porto dos Tainheiros, freguezia da Pe-

nha, ordenando-lhe que prenda seu ferino cachorro para não continuar a avançar sobre as familias que por alli passam, e a morder a quem pilha despercebido, sob pena de ir o muxingueiro Evaristo com duas bollas dar cabo delle. Campra.

— Paraguayo já recruta na Bahia!

— Vã zombar do diabo que o carregue.

— O caso passou-se na cidade baixa. Ia um sujeito pelas Grades de Ferro afora fugindo das unhas dos milhafres de farda que o queriam filar, quando abalroou com tres prisioneiros paraguayos que foram a elle de unhas e dentes depois de o deitarem por terra, quaes tres cães de fila treparam-se no caxaço do homem e não o largaram mais.

O caso serviu de galhofa, menos para os pretos do canto, que se admiraram de ver paraguayos já prender na Bahia.

— E' um caso banal, mas que em outra provincia podia ter serios resultados pela improvidencia de quem manda esses homens sós para a rua, expostos á mil consequencias já pela

sua originalidade, já por qualquer cousa que possam praticar.

—Que perverso!

—V. está assombrado?

—Estou horrorisado.

—O que foi?

—No dia do Anno Bom, o portuguez Luiz José Fragoso, morador ao Pilar, commetteu a brutalidade de estuprar uma creança de 10 annos.

—Que monstro!

—A offendida, alem da idade, é mentecapta e o aggressor serviu-se de violencia para commetter o delicto.

—E' um acto de requintada maldadez e libertinagem, que não deve ficar impune.

—Agora o que resta é que as authoridades não durmam no caso.

—Eis até onde chega o excesso da arbitrariedade.

Maria Antonia d'Assumpção, pobre viuva, moradora nos arredores da Cachoeira, tinha um filho, Manuel Henriques d'Assumpção, rapaz de excelente conducta, que foi recrutado.

Requeru ella prazo para provar a isempção de seu filho e foi-lhe dado dez dias.

—Dez dias! é muito pouco para quem mora fora da capital.

—Principalmente para uma mulher pobre, desamparada, sem ter quem a guiasse.

—Vamos adiante.

—Os dez dias foram-se em certidões de casamento, obitos, attestados de vi-gario, etc., mas, por fatalidade ou ignorancia, esqueceu-se ella de juntar a certidão de baptismo do rapaz, que foi exigida depois.

Requeru novo prazo, para ir buscal-a e foi-lhe denegado! e seu filho, seu amparo, seu unico arrimo na velhice, seguiu barra fora no *Cruzeiro do Sul*, para ir defender a honra deste paiz.

—Oh! meu Deus! isto é horrivel.

—Este factio ouviu-o tal qual da bocca da infeliz, que na cidade baixa,

arrazada em lagrimas, lastimava-se a fazer dó.

—Brilhaturas da sapientissima ca-beça que dirige este abençoado torrão.

—Vamos ver la esse pelisco.

—«*Requerimentos despachados.*— Roza Maria da Conceição; requerendo 15 dias de prazo para provar a isenção de seu filho Justiniano Pereira, recrutado para o serviço das armas.— Não tem lugar.»

—Muito bem! . . . Si fosse o Lopez que desse semelhante despacho, diziam delle cobras e largatos.

—Onde vao com tanta pressa; espere para ouvir cousa melhor.

«José Quintiliano da Silva, guarda nacional do batalhão n.º 31 do municipio de Sant'Anna do Catú, recrutado pelo commandante do batalhão n.º 107 de S. Felix; pedindo prazo para apresentar seus attestados QUE O ISEMP-TAM DE SEMELHANTE SERVIÇO.—O que allega não é motivo para ser isem-pto do serviço do exercito.»

—Disse o diabo está dito; nem que elle tenha mil attestados que o isentem, o homem em sua alta deliberação ja sabe que elles não prestam e por tanto não quer vel-os.

Isso é que é systema de julgar. Na Abyssinia não se administra melhor.

—Arre, que V. é um taramela dos seiscentos: não me deixa acabar de dar meu recado.

«Faustina Maria de Jesus; reque-rendo a soltura de seu filho Francisco Vieira da Silva, recrutado para o ser-viço das armas, do qual se considera isento em vista dos arts. 6.º e 7.º das instrucções de 10 de julho de 1822.— Seguiu para a côrte no dia 2 do cor-rente.»

—Ora bollas!

Não estou mais para ouvir esse montão. . . não sei mesmo de que.

—Destes é que o *Diario Fluminense* chrysuma de bernardices.

—E cu de arbitrariedades inauditas.

—Ha muito tempo esta cidade não é testemunha de scenas tão afflictivas e consternadoras como as que se deram

nos dous dias antecedentes à chegada do *Gruseiro do Sul!*

O mais atroz e descommunal recrutamento cabia sobre esta capital sem que se respeitasse condicção, idade, ou estado.

Cidadãos inaptos para o serviço foram agarrados e mandados embarcar do chofre, sem que se lhes dêsse o tempo permittido na lei para justificarom suas isempções.

Pessoas desformes como o marceineiro José Ricardo, lá foram barra fora.

— Chegam no Rio, voltam; é aponas mais uma despeza para os cofres.

— Causava lastima passar pela rua da Lapa, Forte do S. Pedro o porta da repartição da policia.

Senhoras dosgrenhadas, hallucinadas, clamando contra ceus o terra, dploravam seus maridos, irmãos o paos que tinham sido recrutados, com exclamações que cortavam o coração mais duro.

So o governo era surdo o impassivel a esse quadro desolador!

— O que mais me contristou, foi passando pela policia ver quatro creanças que choravam por seu pao.

— E amanhã virão dizor que Lopez está nos ultimos recursos, desesperado, sem meios de resistir.

— Essa linguagem adocicada antecede sempre a essas scenas de horror.

Seto ou oito contingentes, tem dado a Bahia desde a rendição do Uruguayana, e sempre so dizendo que é para acabar com a guerra!

— Ainda não falhou: cada vapor que traz a noticia de uma victoria ou feito d'armas, é o prenuncio de uma nova caçada.

— Victorias que fora melhor desejalas ao inimigo!

— Victorias em que a flor dos brasileiros fica ceifada no campo; victorias em que um batalhão inteiro cabe prisioneiro do inimigo!

— E outro dia quando vier uma embaçadella destas, ha de haver papalvos que saíam a dar vivas pelas ruas, para dahi a 15 dias serem amarrados e escollados!

— Não sei quando o governo completará o quadro da prostituição, que tem aberto nesta desditosa terra!

— Quando Deus se amerciar deste desgraçado povo sobre o qual pesa com todo vigor a força do sua cholera.

— Os vendelhões agora que aguentem-se!

— Com os impostos?

O povo é quem paga.

— A obra é outra.

Em vez de contentarem a um hão do se haver com dous.

— Não entendo.

— Não sabo que a camara municipal deliberou em sessão do 10 do p. que cada freguezia da cidade tenha agora dous fiscaos, ficando as do fora aco-phalas?

— Si com um a couza ora ja pezada, o que será com dous, que ambos precisam do viver!

— O que pode haver é desconcordata entre os dous na *divisão*... do trabalho.

— Elles farão por arranjar que no serviço a *contribuição mensal*... seja dividida irmanmento.

— E no mais os cabidos da mitra dão para tudo.

— O cavallo do fiscal geral o a besta do tenente coronel José Carlos são dous animaos oncommodos.

— Dão couces?

— Empatam o transito publico, aposentados um no becco dos Barbeiros, outro no da Carne Secca.

— Que quer que lho faça?

Si não fosse ser o cavallo do fiscal havia muleta para olle; quanto a besta do tenente coronel, sempre é besta do commandante.

A COMPANHIA.

Uma simples companhia
E' as vezes procoitosa;
Porém a má companhia
Para todos é damnosa.

Logo que Deus formou o mundo o toucionou habital-o do gento, formou o pao Adão; o depois deu-lhe uma

4

mulher, porque o tal criança teve medo de dormir só no paraiso terrestre, e por isso pediu a Deus uma companhia, d'onde se pode concluir que o gosto da companhia é muito antigo; e desde então para cá tem-se tornado muito commum, ou geral o tal uso ou reunião de dous, isto é, de casal. por exemplo: chitarra com pires, bule com tampa, garrafa com rolha, pipa com batoque, ourinol com tampa etc. etc., e estamos tão acostumados a ver isto, que quando falta um dos dous, faz grande differença.

O certo é que da boa companhia muitas utilidades e recreios resultam: do casamento ou companhia da mulher, que é a melhor, vem os filhos que augmentam a população, vem os commodos da vida quando a esposa trata de suas obrigações e não é vadia; e se a companhia é de mais pessoas, e estas dignas da attenção, utilisamos em civilisar o nosso espirito, aprendemos as regras da polidez e da boa sociedade, a qual não pode existir sem companhia. Da boa companhia tiramos o preciso lucro de augmentarmos os conhecimentos scientificos: quando não é companhia que só serve para ajudar a comer, ou encher a sala de pernas; quando não é companhia de homem estúpido que nada sabe dizer, porque então falta a boa conversação, pasto do recreio e adiantamento das idéas; mas infelizmente poucas companhias boas se acham, e isto pode bem afirmar qualquer pessoa que tiver sua sala franca para receber as visitas que apparecem, as quaes, pela maior parte, servem para tomar o tempo e enjoarem o dono da casa, porque o dote de ter uma conversação util e agradável é para poucos.

Em geral vemos homens que todos os dias vão dar maçada de fazer companhia: uns alardeando seus feitos heroicos, e serviços passados, principalmente depois destes ultimos despachos, onde pretendiam mamar, porém ficaram logrados; outros se inculcando pela surdina homens de muita importancia pelos seus muitos afazeres, e pelos

grandes beneficios que tem feito, pelos muitos dinheiros que tem emprestado, e dividas que tem a cobrar; outros até contando a sua descendencia, que é de raça fidalga e pura; e outros finalmente até querendo que se saiba o que elles comem em suas casas, as molestias que tem, as questões com seus parentes, etc. etc, tomando inteiramente o tempo dos pacientes ouvintes que os aturam.

E que diremos de algumas mães e paes toleirões, que levam uma noite inteira a contar ás visitas na sala as gracinhas do seu menino Cazuzá, e as innocencias da iayá Mariquinha que perguntou se carangueijo era peixe?!

Ha certas velhas curandeiras que maçam a gente a contar historias de curativos que fizeram, roturas que taparam, espinhélas que levantaram, umbigos estufados que recolheram, etc. etc. (isto só respondido a clystel de pimenta.)

Porém ainda mais insupportavel que, todos estes é o estúpido mal educado que, alem de se metter atrevidamente a fallar em tudo, dizendo burrices que revoltam, de vez em quando no seus accionados bate no hombro da pessoa que o atura, falla-lhe tão de perto e tão apressado que cospe-lhe na cara, e tudo porque está pensando que brilha em fallar muito.

Os homens que tem cazas publicas, bem como lojas e escriptorios, pela maior parte são martyres destas sarnas.

E eis aqui porque muita gente tem feito protesto do não admittir companhia de qualidade alguma; porem nisto são tambem rigoristas de mais, porque em toda regra geral, ha suas excepções, e uma companhia é o melhor agrado que ha.

Dizem alguns que gostam de estar sós inteiramente (com o que não combino; porque acredito que só deseja estar unicamente o homem perverso ou estúpido, um entristecido pelos remorsos e outro com receio de fallar, por nada saber dizer;) e por tanto adoto sempre a boa companhia, pasto d'al-

na consolação dos olhos e disfarce dos trabalhos e pensamentos da morte: e por isso desejo breve me casar com uma menina esperta como uma ratona que conheço, e que me saiba contar historias etc. etc; porem faça boa companhia, tanto na presença como na ausencia, para eu não ter dores de cabeça pelo pezo dos desgostos!

A PEQUENO.

(Continuação)

—Capitão, vou continuar a narração dos torpes feitos do ex-governador de um morro, lá para S. Paulo, que dei principio em o número antecedente.

—Estou sciente.

—Vio o publico como este tratante, despeitado por não poder mais roubar, calumniou atrozmente em uma correspondencia o honrado actual governador dos inuteis, e não contente ainda com esta infamia, é o primeiro a atassalhar a honra de familias respeitaveis, um desgraçado, cuja familia é o foco de todas as devassidões.

Esso ex-governador, muito conhecido do Simeão, morador nas Silvas, casou-se com uma tal Sinhá, pernambucana da rua das Aguas verdes, de quem tem quatro filhos, ou antes dois, porque dois são de outrem, como hei de mostrar.

Antes de casar-se já tinha elle tambem quatro filhos de sua amasia Candinha, os quaes vivem reunidos aos outros juntamente com a mulher e a barregan. E' um perfeito bordel a casa em que habita este concupiscente relaxado.

Entre os filhos naturaes existe um já homem, cujo nome é de um rei da Suecia, a quem Sinhá ama idolatradamente por ser o pae dos dois filhos que, como já disse, não pertencem ao animal galhudo.

Parece incrível que um filho, pratique assim contra a honra de seu proprio pae; porem o caso é mais que verdadeiro e ninguem ha por aquelles logares que ignore esta associação criminal e amorosa entre o filho e o pae.

E tanto assim que a verdadeira mulher, a Sinhá, consente que Candinha, a amasia, more com ella, na mesma mesa o leito.

Ainda assim, em vista do semelhante depravação por todos presenciada, o safado insulta e diffama a todos desapidadamente.

Demittido do governador, ainda dirige a lanterna, roubando escandalosamente o azoito que manda para a sua venda. Para este facto especialmente chama-se a attenção do governo que deve syndical-o, para o que ha exuberantes provas.

—Muxingueiro, vae buscar este safado, e applica-lho 50 tacadas na poltuta cara, como meio de correccção. Si, apezar disso, não emendar-se, deixa-o no porão de machos aos pés até a minha segunda ordem.

(Continua.)

Ao publico.

Na carencia absoluta de provas que demonstrem a culpabilidade da Exma. Sra. D. Joanna Quirino da Silva Deiró, no processo crime por abuso de confiança, que lho move seu cunhado, o Sr. Ignacio Coelho Fragoso, profuso vomita elle quanta injuria e calumnia lho apraz contra a mesma Sra. e ainda contra o humilde advogado que fez as razões de recurso.

Isso, porem, não é novo, porque o Sr. Ignacio, em todas as partes onde vae, depõe desávida e virulentamente contra sua cunhada.

Innumeras pessoas existem, testemunhas desta verdade, que promptas estão para comproval-a em qualquer parte.

A seu tempo ellas apparecerão, e então o Sr. Ignacio terá de ajustar contas a este respeito.

Qual o motivo de seu rancor contra o humilde advogado, é o que ignoramos, e deveras desejamos uma explicação.

A questão, no ponto em que está, não é de injurias e calumnias.

Destas armas só se servem os carecedores de razão, que a tudo deturpam

e infamam na falta do argumentos serios e valiosos.

O processo está hoje affecto as justias do paiz, e não serão as declamações vagas e sem fundamento do Sr. Ignacio e dos seus apaniguados, que desvial-a-hão do caminho que tem de seguir e que lhe marca a lei.

Na processo não ha presumpção, quanto mais prova contra a accusada.

Havemos de desfiar-o em todas as suas partes, e o publico verá a exactidão de nossas asserções.

Continue o Sr. Ignacio no caminho que segue, que pode muito bem succeder que ainda venha a arrepender-se.

Justus.

—Temos bando a pé na estrada do Rio Vermelho!

Porem não precedeu annuncio.

—E que do bando?

— Não vê aquelle taful caracterizado a macaco, enganchado n'uma palma de pindoba, na frente d'uma tropilha de raparigas e rapazes, e a musica de barbeiros batendo adiante?

—Isso é a gente do *terreiro* de tia Julia, no Moinho, que sahio á pagode; não vê cada uma com sua insignia?

—E a policia consente isso?

—Porque não?

O peor é que as agoas vão se turvando; e a patuscada vae se tornando em tribusana; já vejo facas fora e os cacetes volteando.

—Isso por força; este sol tão quente, tanta caxaça, havia de dar nesse resultado.

—Vê aquella desesperada que quer furar o bombo?

E' a Pulcheria, segunda *mamãe* do terreiro.

—E que horrenda pedrada levou o mestre Marcos barbeiro!

—Não sei como a policia tolera semelhantes candomblés, nos quaes sempre ha um successo tragico.

—Sabe o que havemos de fazer? vamos tomar os nomes da sucia e levar para o *Alabama*.

—V. que os conhece, va ditando que eu escrevo.

—Pulcheria, Maria da Preguiça, Leopoldina carrapato, Lourença fateira, Joana Bago molle, Belmira, Anninha da Rua d'Ajuda, Maria Carolina, Valeria, Maria Mão de Filho, Juliana; as outras não conheço.

—Agora os homens.

—Faustino, Ambrosio, Salomão, Almeida carniceiro, Folô, Jorge, Darico, Gregorio, Miguel, Manuel Girota e Marcos.

—Bom, por aqui si o chefe de policia quizer pode mandar chamal-os.

—Vou lhe contar um facto que se deu no sabbado 21 de dezembro, do anno proximo passado, o qual embora venha ja um pouco tarde, com tudo não perde o merecimento,

—Desenrole-se.

—Então ouça-me:

O sargento da 8.^o companhia do 4.^o batalhão, reunido ao inspector do Regate e aos guardas Manuel Machado e Bernardino José dos Santos, foram a uma roça ao Cabula, propriedade de Sr. Manuel Gonsalves Dormund, invadiram a e obrigaram a mulber do feitor da dita roça a entregar as chaves do quarto em que estava seu marido no leito de dor.

Uma das filhas que estava enferma, nessa occasião, pediu ao sargento e ao inspector a soltura de seu pae e teve em resposta os maiores insultos que imaginar-se pode.

—Não houve nada que fizesse commover aquelles corações impedernidos?

—E' verdade!

—Pratica-se disto em um paiz constitucional como este, onde se diz que a propriedade do cidadão é inviolavel!

—Aqui ha constituição, mas té para os grandes e não para os pequenos!

—E dizem que Lopez é malvado, tyranno, desposta, cruel e atroz! Dizem que os seus actos revoltam, contristam e penalisam!

—Digam-me agora, senhores do governo, o que dirá Lopez sabendo das arbitriedades que se praticam no Brazil?

Dirá que o governo do Brazil dis-

ponde de maiores recursos que elle e trazendo o povo assim opprimido, é mais atroz, mais cruol e mais tyranno!

Dirá que esses actos são que contristam, revoltam e penalizam!

—O Sr. está um exaltado defensor de Lopez!

—Não o defendo. Sou brasileiro e brasileiro que sente o sangue ferver-lhe nas veias quando vê a patria pedir o auxilio do seus filhos; mas brasileiro, que não pode olhar impassivel para as crueldades que está praticando este governo que se diz progressista!

Sim!... Continuem senhores do governo!..... continuem com suas arbitrariedades que Deus protege a causa do justo!.....

Pergunta-se ao *fiscal uniaersal* para quem foram os tres mil reis, que carregou na guia da conducção de tres animaes, que no dia 22 do p. p. foram levados a casa dos bois por um moleque do capitão *Redemptor* a seu mandado.

A cousa foi tão calva que os proprios empregados estranharam, e por isso é preciso dar um *empandeamento* ao negocio.

A probidade encampotada

—Uma pergunta curiosa.

—Faça,

—Consta-me que o prelo da extinta sociedade Defensora está alugado em uma typographia por 12\$ rs. mensaes.

—E' cousa que pode ser sem ser milagre.

—Desejava saber qual é a pessoa authorisada para isso é a favor de quem reverte esse dinheiro, ou onde para elle.

—Quem souber que lho sesponda.

A MEU IRMÃO.

O' brisa, vais do Oriente.

Visitar o Paraguay?

N'esse paiz insolente

Um irmão meu procurao

Aquem amo ternamente.

Dizei-lhe que a sua ausencia
Dilacera est'alma minha.
Onde a dor é com frequencia;
Que nossa mãe, coitadinha!
Chora ja sem paciencia.

Mas, que, si é grande a saudade,
Que temos do meu irmão,
E' grande a felicidade
O vormos quo a sua mão
Lá deffende a liberdade!

Que sustente com firmeza,
Com character verdadeiro,
A honra em civismo accessa,
De soldado brasileiro,
Na mais arriscada empreza.

Que não se importe co'a vida,
Porque nos é ella cara;
Que a nossa patria querida
Comfiou-lhe o posto para
Vingar-lhe a honra offendida

E que a patria consagrar,
Porque se vê ultrajada,
A vida, para a vingar,
E' gloria mui elevada,
Que mais se pode aspirar.

Que estreital-o nos meus braços
Dezejo muito, dezejo
Mas que d'amisade os laços
Não o privem do ensojo
De seguir do inimigo os passos!

Que a Virgem Santa lhe valha
São os votos sempre meus;
Que no calor da batalha
Tenha firmo fé em Deus,
Que o livrará da metralha.

Que, quando da patria a historia
Narrar a presente luta,
Appareça a sua gloria,
Como a d'heroes impolluta,
Sem mancha a sua memoria.

Diz-lho, emfim, diz-lhe que faça
Quanto quer a dignidade;
Que a quem a rasão abraça,
Que deffende a liberdade,
Deus derrama a sua Graça.

Quando teu sopro cadente
Em sua fronte bater,
Faz que um boijo docemente
Elle julgue reeber
De sua mãesinha ausente,

Vao brisa; depressa vao
Procurar a meu irmão
Nesse immundo Paragay
Cumpro bem essa missão,
E co'a resposta voltae.

M. F.

VARIETADES.

CAIXEIRO HONRADO.

Um negociante de Londres annunciou nos periodicos que precisava de um caixa-ro honrado que se sujeitasse a estar preso durante treze ou quatorze horas por dia, com o serviço da sua casa. No dia seguinte apresentou-se um pretendente.

— Vocemecê acha que pode estar preso tanto tempo cada dia?

— Oh sem duvida nenhuma!—respondeu o pretendente com um sorriso de ineffável candura—Eu já estive sete annos na cadeia.

UMA MULHER COM DOUS MARIDOS.

Lê-se no *Jornal do Recife*:

Uma historia que participa um pouco do romance acaba de correr de bocca em bocca, na cidade de Anvers (Belgica.)

«Ha trinta e dous annos um navio largava d'este porto com destino á America. Pouco depois de se ter feito ao mar naufragou, todos os passageiros e marinheiros morreram nas ondas, á excepção de uma joven, salva por um marinheiro, que casou com ella poucos dias depois.

Passados alguns mezes os jovens conjuges separaram-se, o marinheiro para embarcar, sua mulher para ir fixar a sua residencia em Anvers.

Depois d'esse dia nunca mais houve noticias do marinheiro, quando em fins de setembro, voltando elle a Anvers, depois de uma ausencia de mais de trinta annos, o seu primeiro cuidado foi dirigir-se a casa de uma mulher a unica parenta que tinha, afim de se informar de sua esposa, que tinha salvado com perigo da sua propria vida.

«Qual não foi a sua surpresa, sabendo que a ingrata habitava em Hoboben, onde se tornou a cesar, ha um anno, com um camponez d'esta localidade, depois de vamente ter esperado, durante trinta annos o regresso de seu marido.»

EDIÇÃO DE LUXO.

Certa actriz recebeu um rico presente de um admirador seu.

Consistia em um bonito volume formado com varias notas do banco: o tomo tinha na lombada as iniciaes da actriz.

Esta respondeu o seguinte;

«Li com muíssimo interesse o primeiro tomo do romance que V. Ex. me remetteu. Quando se publicará o segundo?»

O banqueiro pegou em outras tantas notas e enviou-as á actriz com essa annotação: «Fim do segundo e ultimo volume.»

ANNUNCIOS.

ROUBO

Previne-se aos Senhores ourives ou a outra qualquer pessoa a quem possa ser offerecida uma bengalla de madeira escura, contendo um rico castão de ouro de custo talvez de 60\$ a 80\$ rs., deprehendel-a, e leval-a ao Porto do Bomfim n.º 348, que será bem recompensado.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives loja n.º 9 B na Saude, rua do Jogo do Lourenço, casa n.º 199, vende-se bom café muido puro.

Nesta typographia compra-se o n.º 262 do *Alabama* de 1867.

Quem precisar de uma ama para cozinha dirija-se a esta typographia.

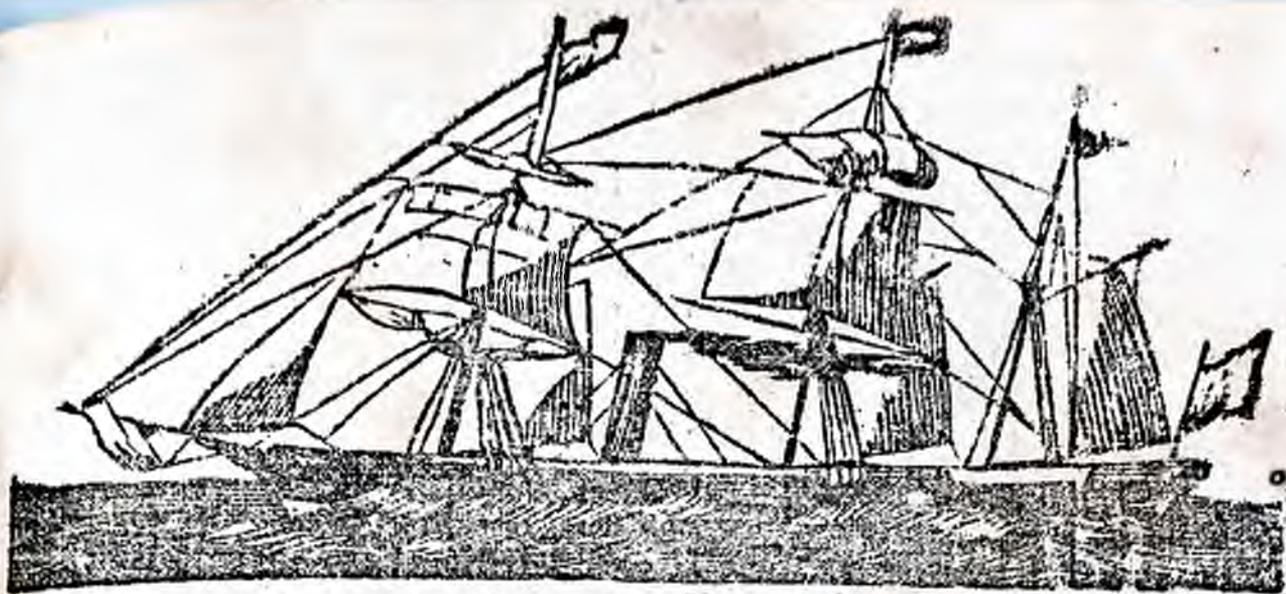
DECLARAÇÃO.

Constando que a viuva do finado Bogarim dissera em uma casa que esta typographia ficara devendo a seu marido 80\$ rs., declara-se que é falsa semelhante asserção e que pelo contrario elle é que ficou restando saldo de recibos que tomou para cobrar.

Esta officina até hoje tem pago pontualmente a seus empregados nos sabados; appella-se para os mesmos, e todos os que tem sahido tem ficado em debito para com a typographia.

Admira como a viuva do Sr. Bogarim, não vivendo com elle ha tantos annos, sabe que a typographia lhe ficou devendo!

Si contudo essa senhora se julgar credora, apresente antes suas contas para ser paga do que andar propalando falsidades particularmente.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

8 DE JANEIRO DE 1868.

SERIE 31.—N. 307.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de janeiro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. commandante do corpo provisorio de policia, communicando-lhe que nos informam, que frequenta constantemente esse quartel um usurario de nome Mascarenhas, o qual vive de exhaurir o suor dos pobres soldados, descontando-lhes o soldo com um premio extraordinario, e commettendo mil traficancias nas transacções; a ser assim, pede-se a S. S. que sirva-se de prohibir em ordem do dia, que semelhante harpya vá alli beber o sangue dos pobres guardas; assim como de declarar, que os commandantes de companhia nada têm com transacções particulares de seus subordinados, uma vez que nos consta, que o tal agiota recorre a elles, sempre que quer resolver suas dovidas de Caim.

—Então os menores foram tirar o Rei ao presidente?

—E' verdade; o qual tratou-os o

mais seccamente possivel; nem agoalhes deu a beber.

—Que sumiticaria!

—Mas tambem onde se viu companhia de menores andar tirando Rei?

Na escala militar não ha casa que marque semelhante serviço.

—Essas blandicias inopportunas tem posto muita gente com cara de lacaio.

—Admiro mais esta.

—Esta qual, rapaz?

—Um quarto de boi com metade da carne podre e metade sau.

—V' sabe o meio do mundo?

Pois então empine-se com seus embustes.

—Ora que havia o Sr. de dar para incredulo! Aprecie a coisa, avalie-lhe as dimensões e depois falle.

Na sexta feira, o agente do curral mandou sustar, n'um talho ao Cabeça, a vendagem de um quarto de boi do Sr. Idelfonso Lopes da Cunha, sobrinho do superintendente, por se achar corrompida a carne, o que foi verificado pelo Sr. Dr. Eloy.

Conduzida ao matadouro, no tra-

jecto, parece que com o calor do sol, a carne transformou-se e quando chegou ao lugar, foi julgada boa, tendo apenas arroba e meia podre!

—Essa está boa para o 1.º de abril! O calor do sol, em vez de damnificar a carne, conserva metade e apodrece o resto!

—O Sr. duvida ainda? Pois vá perguntar ao cortador si elle entrou com o valor da carne ou não.

—Só si os bois consignados ao Sr. Idelfonso tem a propriedade de apodrecerem metade da carne e conservarem metade.

—Que papel é esse que tem V. ahí na mão?

—É uma pagina do *Cabichy*, periodico de caricaturas que se publica no acampamento do Lopez.

—O que representam essas figuras?

—É um engenheiro brasileiro explorando de um balão o campo inimigo e os paraguayos de cocoras dando-lhes os azes de copa para observar.

—Ah! bregueiros! Nos azes de cada um introduziria eu um varapau de vara o meia si os pilhasso.

—Dizem que ha ahí por esse mundo, um tyramno, que entrega as mulheres casadas á lubricidade de seus soldados, que constrange as mães a amaldiçoar os filhos e as esposas a repudiar os maridos, que manda os padres para o exercito e amarra os homens como feras em baixo das arvores expostos as intemperies. Todos tem ouvido dizer isso, mas ainda ninguem viu; é a tradiçãõ quem transmitta semelhantes noticias.

—A tradiçãõ ás vezes é exagerada.

—Agora deixemos isso e passemos a outro assumpto. O *Jornal da Bahia* é quem falla.

«*Mais uma prova.*—Acha-se preso em deposito de contingentes, no quartel da fortaleza de S. Pedro, um individuo de nome Joaquim, pardo, remetido como recruta ou contingente da guarda nacional, da villa de Itapicuru.

«Custa a crer, que esse miseravel, quo só inspira compaixão, fosse ro-

mettido como contingente ou recruta.

«É idiota: ás vezes soffre accessos de loucaca, e tem o pescoço torto, inteiramente dobrado sobre o hombro direito.

«A' noite, ou grita em altas vozes, ou persegue aos companheiros, quo para socegal-o applicam-lhe alguma dose avantajada de soccos, e o mais que podem, ou desata a chorar com lamentos e soluços.

«Esse infeliz, que devia estar em algum hospicio de alienados em tratamento conveniente, é offerecido ao governo para marchar para o exercito como contingente da guarda nacional.

«Este acto de deshumanidade denuncia uma de duas: ou zombaria ao governo, acinte por algum motivo reservado; ou vingança particular, odiosa e inexoravel contra a familia, ou pessoa da familia, á quo pertença o infeliz Joaquim.

«Quem quizer vel-o, pode ir á fortaleza, que ha de encontral-o nas tristes condições expostas.

«De dia, quando o deixam solto, leva horas successivas e esquecidas sem chapu, exposto ao sol, indicando como que soffrer frio na cabeça.»

—Capitão, vou lhe contar um facto.

—Sem commental-o, vamos com isso.

—Não se commenta, entrega-se tal qual deu-se a apreciaçãõ do publico.

No domingo vespera de Reis, estava o rancho dos menores de artifices no adro do convento do Carmo á meia noite.

Subia a ladeira um homem com sua nhora de braços dados, quando veiu um carro da companhia de Vehiculos puchado a quatro cavallos russos e trazendo dentro dous moços vestidos de branco, um menino e duas moças que pelos gestos pareciam filhas de Jerusalem. Ao passar o carro pelo homem que vinha tranquillo com sua senhora, um dos ditos moços do carro mandou que o boleiro fosse chicoteal-o, ordem esta que foi de prompto pelo boleiro executada.

— E o homem não repelliu esta injúria?

— Quiz, mas a mulher não o consentiu.

— De que qualidade é esse boleeiro?

— E' eriuolo.

— Acho bom que o Sr. se dirija aos directores da companhia do Vehiculos para darem alguma providencia a respeito, afim de que esses insolentes e atrevidos boleeiros, não fiquem avezados, pelo exemplo do seu companheiro, a metterem o chicote de cavallos em quem lhes parecer.

— E deve haver alguma providencia, pois nem sempre elles encontrarão homens pacificos com este.

LA VAE VERSO.

Carta do Capitão do «Alabama» a seu correspondente na corte, o Patusco

(Continuação.)

— O guarda sol do progresso
Augmentou uma vareta,
Para cobrir o Zé Carros
Com uma nova chupeta.

Nas obras particulares
O fardo foi arrumado,
Posto levasse canastra
Ficou bem accommodado.

Meu charo, quem nesta terra
Na grande locomotiva
Do progresso não embarca,
Não faz viagem activa.

Anda a trancos e barrancos
Sem a estrada acertar
Até que n'um atoleiro
Vae de ventas esbarrar.

— Vou dar-lhe uma noticia,
E' cousa que nada val:
As pazes do Azevedo
Com o chefe do curral.

Consta que fez-se o milagre
Por effeito d'uns *continhos*
Que foram mui bem *contados*
No mais caluda... *pontinhos*.

E' um bom doto, meu rico,
Ter-se branda a natureza,
Que ao som de qualquer historio
Modera-se a aspereza.

— Nossa moeda papel
Tem cahido em tal desdouro,
Que a companhia do Gaz
So quer receber em ouro

Porem quanto ao grau de luz
No contracto estatuido,
Vae ella satisfazendo
Como Deus quer e é servido,

O governo é quem tem
O papel depreciado
Ordenando que n'alfandega
Seja elle regeitado.

Essa medida por cá
Produziu grande escarceu,
E na casa aduaneira
A renda logo desceu

Calcule que o mez passado
900 contos deu;
E 2 contos neste mez
No dia dous só rendeu!

Veja la que differença!
No outro 30 por dia;
Neste rende apenas dous
Que é uma ninharia!

— Me diga abi nessa corte,
Adoptou-se entre outros planos;
Para acabar a guerra,
Recrutar-se os africanos?

Eu não sei si isso é exacto...
Os cujos que vem de la;
Entre outras novidades
Vende, esse peixe por cá.

— E' verdade que a policia
Descubriu nessa cidade
Que um padeiro misturava
Na farinha alvaiado?

Por que fabricava elle
Pães, por esse modo novo?
Para o numero crescer,
Ou p'ra fazer mal ao povo.

O nome do tal sujeito
Dos culpados esta no rol?
Ou não, por haver prestado
Serviços da guerra *em prol?*

Me explique pelo miudo
Toda essa bacafusada,
Si é que as conveniencias
Ja não a tem abãfada,

— Quanto a noticias da guerra
 Ja sei que faz reticencia,
 E não adianta nada.
 Quo hei de fazer? paciencia.

Por ca houve um pega-pega
 Quo não foi de brincadeira
 Corcundas velhos, manetas,
 Tudo andou na carreira.

Até o nosso Odilon,
 Que a gente tanto agrada,
 Com os desenhos que tira
 Para a *Bahia Illustrada*

Foi preso, não lhe valendo
 De casado a condicção
 So por não trazer no bolso
 Do consorcio a certidão.

(Continua.)

A PEDIDO.

Consta-nos que acha-se preso, no quartel da Palma á ordem do respectivo commandante, o Sr. tenente do 6.º batalhão da guarda nacional, João Fernandes da Silva, desde o dia 3 do corrente ás 10 horas da manhan, por não querer o referido Sr. tenente pagar ao tenente coronel a quantia de 65\$ rs. que o mesmo adiantara á companhia sob o commando do Sr. tenente, adiantamento este feito a alguns guardas fora do quartel e a outros de quantia superior ao soldo que vencem na quinzena.

Rogamos, portanto, ao Exm. Sr. presidente da provincia e ao Sr. coronel commandante superior de syndicar este facto, que a ser verdadeiro, não honra muito ao Sr. tenente coronel Fortunato, e mande soltar o Sr. tenente, que não deve por esse motivo ser privado de sua liberdade por um minuto, quanto mais por tantos dias.

Desculpemos porem ao Sr. tenente coronel; si S. S. si dêsse ao trabalho de estudar a lei da guarda nacional não daria por certo uma cabeçada tão grande; mas, si S. S. commanda o batalhão com exercicio no seu armazem, como ha de estudar e praticar a forma de commandar o batalhão?

Ao publico.

Felizmente o Sr. Ignacio Coelho Fragoso ainda não ousou apparecer em publico para desmentir, si quer, uma só das proposições que temos apresentado em favor da Exma. Sra. D. Joanna Quirino da Silva Deiró.

Tanta perseguição, tanta azafama, tanta bambochata e afinal detudonada, nem cousa nenhuma!

No casal do fallecido Quirino Antonio não foi inventariada uma só oitava de ouro, como consta dos autos de inventario, que podem ser vistos por todos no cartorio do escrivão José O. limpio, entretanto que o Sr. Ignacio quer que a Exma. Sra D. Joanna Deiró lhe dê contas de ouro!

Esta so da cabeça do Sr. Ignacio!

No giro commum da vida ha muitos modos de enriquecer-se, quando a fortuna não é avessa; porem querer receber aquillo que nunca se entregou, e ainda nunca existio, é muito, e excede a toda demasia

Por ora temos nos abtido de entrar em certos pontos, porque estando o processo affecto as justicias do paiz, não queremos que se diga que estamos fazendo pressão.

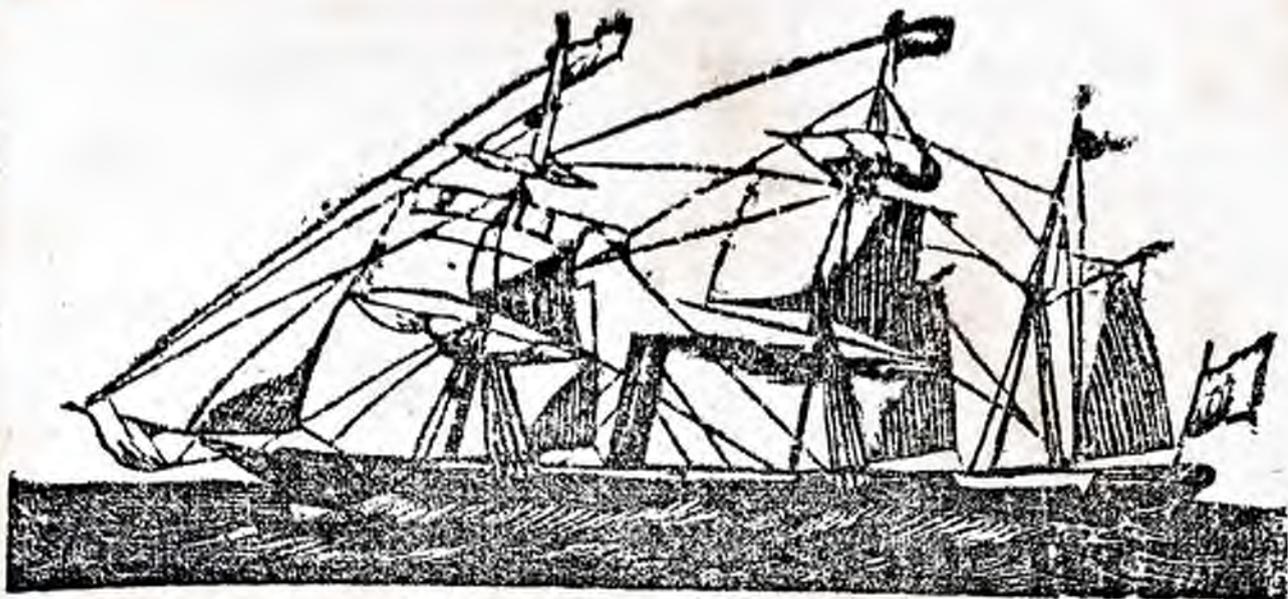
Logo, porem, que elle for decidido, analisal-o-hemos em todas as suas partes, e então o publico ficará melhor conhecendo a injustiça clamorosa que soffre a Exma. Sra D. Joanna Deiró do Sr. Ignacio Coelho Fragoso

Justus.

ANNUNCIOS.

As pessoas que tem contas na venda á rua Direita da Mizericordia n.º 32, contrahidas com o ex-caixeiro Jovino Sabino Pereira dos Santos, tenham a bondade de as vir saldar na mesma venda ao seu proprietario, ondo so é unicamente o podem fazer.

Pede-se ao Sr. pharmaceutico José Henrique Barbosa de Oliveira, queira chegar a venda n.º 32 rua Direita da Mizericordia para negocio que não ignora.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

10 DE JANEIRO DE 1868.

SERIE 31.—N. 308.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14. 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando for folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 9 de janeiro de 1868.

Officio ao Illm. Revm. Sr. Dez. provisor, encarregado do expediente do Arcebispado, chamando sua attenção para o escandalo de andar uma meretriz de nome Margarida, com um anel prebendal no dedo, mostrando-o com zombeteiro alarde por toda parte onde anda, e dizendo que aquelle anel tomou de um Sr. conego de quem era concubina, para aperreal-o em certo dia em que tiveram um desaguisado.

Por moralidade da classe sacerdotal, pede-se a S. Revma. que, inteirado de qual seja o conego proprietario do anel, o obrigue a rebavel-o de sua marafona, e caso ella a isso se negue, seja coagida por intermedio do Illm. Sr. Dr. chefe de policia a não usar de distinctivo que lho não cabe.

—E' assim que vae á vela o dinheiro da provincia!

—Em pepineiras como esta calçada da rua da Valla e outros que taes.

—Eu so desejava saber si o governo não tem uma pessoa que fiscalise tão albardeiro trabalho.

—Este ultimo pedaço da esquina do Ferrão em diante está um escandalo.

—E alli defronte do hospital de S. Francisco que já tem uma grande broca!

—Em outra parte o empreiteiro seria obrigado a desmanchal-a e fazel-a de novo, porem aqui ha de se dizer que a obra esta perfeita e siga o carro.

—Hoje principiam as novenas do Senhor do Bomfim em sua capella em Itapagipe.

—E' de esperar a concurrencia de todos os fies, para maior realce da festa d'Aquelle que sobre nós tão benigno derrama suas misericordias.

—Apezar de que o Sr. Dr. chefe de policia não quizesse dar attenção a humilde informação que lho demos sobre uma menina orphan da rua da Ordem Terceira, a cousa sempre produziu effeito.

—Isso é o que se quer.

—A mulher, que a tinha a seu cargo, receiosa, tratou logo de comprar

alguma roupinha para a infeliz o a entregou a uma mestra.

— Como sempre resultou algum benefício, o tempo não foi perdido de todo.

— A camara municipal, em sessão do 17 do passado, deu uma significativa prova de consideração e apreço ao seu digno escrivão do matadouro, o Sr. Antonio Pedro Ferreira, pelo trabalho assaz meritorio que teve o mesmo Sr. de confeccionar um esclarecido demonstrativo das rezes entradas e sahidas no matadouro publico, durante todo anno de 1867.

E' um trabalho importantissimo e pelo qual se pode saber, á primeira vista de olhos, qualquer movimento daquella repartição e resolver a menor duvida.

— O Sr. Antonio Pedro Ferreira sempre foi muito pizoso e incansavel no desempenho de suas obrigações; immensas vezes tem elle disso dado provas, tanto em commissões particulares como publicas.

A PEDIDO.

— A besta acode ao mangual, o cavallo á espora, o boi ao ferrão, porem este endiabrado Julio Feijoada, quanto mais taca leva, mais safado fica!

Aquella cara de areia mijada, relaxou por uma vez!

— Arre! Que bruto indomavel!

— E todos hão do soffrer com as interminaveis bebedeiras e tratantices desse mono de feições descommunaes.

O demonio anda sempre em roda viva com os pretos ganhadores; os quaes logo que o vêem chamar algum parceiro, o previnem por lingua que Julio Feijoada é um refinado caloteiro.

Ajustava elle com uma preta a condução de umas garrafas de gengibirra, passa uma preta conduzindo um taboleiro de comida, cantarolando canções de sua terra.

Feijoada entendeu que a preta previnia a outra do calote que estava quasi a levar e deu-lhe duas tremendas bofetadas, esmigalhando pratos, o comida.

— Que descarado!

— O pobro vendelhão para quem ia a commida passou nesse dia a secco o Julio Feijoada ficou fresco como uma alfaca.

— Está porque elle faz destas e outras; si fosso logo agarrado e mettido na casa de caxorro para pagar o prejuizo, de outra vez seria menos rixoso.

— Em que ficou o negocio do desforramento que dizem praticara o tenente Côrte Imperial?

— Creio que em nada.

— E elle se justificou?

— Eu sei! E' provavel que dissesse que tudo era calumnia; e é quanto basta.

— Pois olhe, si não é elle que tenho visto entrar á noite na casa em que está a offendida, é a figura dello.

E' verdade que ha um dictado que diz—que ha diabo que se parece com outro, e por isso não teimo.

— Isso de entrar, não admira, por que desde o tempo em que a moça estava em companhia do pae, em casa de uma familia á rua do Bispo, que elle frequentava assiduamente, e segundo o proprio pae, elle foi até n'alfandega offerecer-lhe a fiança de uma casa, dizendo que tinha pena de o ver tão carregado de filhos e em tanta penuria!

— Que macacão sabido! Como sabe chamar a *bêta* ao arroz!

— Com vinagre não é que se apanham moscas.

— Depois que o pae, é elle tambem que diz, foi para a tal casa affiançada pelo tenente, nunca mais deixou-lhe este a porta.

— Tambem o tal pae ou era tolo ou queria se fazer. Pois não via que tanta protecção e amizade não era por seus bellos olhos?

— Não sei. Diz elle que uma noite recebeu um bilhete de uma camarada de sua filha, pedindo para ella ir passar o dia immediato em sua companhia; que elle concedeu, e ella foi levada por uma preta; mas que ás tantas da noite batteu-lhe á porta acompanhada do Sr. tenente, que disse a encontrara n'uma escada.

Si fôsse um rapaz podia se dizer que elle o recrutara, mas uma moça...

—E' justamente de tudo isso que eu desejava saber si o Sr. Côrte Imperial defendeu-se plonamento, provando que tudo era aleivo, como bom pode ser, e eu não duvido, ou si deu alguma desculpa do papa terra e a cousa ficou abafada, por ser o pae um pobre enrolador d'alfandega.

—Qual! Não creia nisso. Com o chefe actual não se dão dessas *benignidades*, principalmente com um homem nas condicções do Sr. Côrte Imperial, official de um corpo que exige toda moralidade e circumspecção. Si elle ainda não justificou-se cabalmente, ha de ser coagido a fazel-o Conte com isso.

—V. que assevera...

—Tenho plena confiança na authoridade.

—Sr. Dr. *Palangana!*

—*In-nhá minha sinhá.*

—Como gostou! Si eu lhe chamasse *Chinchilla*, ficava todo arrufado.

—Eu não me zango com moças.

—Não inche como *peru*.

—Si quor me chasquear, viro de bordo.

—O Sr. não é nenhuma sumaca de carne de sertão, socegue.

—Ja nem me mexo. Quando estou ao pé de moça sou macio como lan.

—Que presumpção de namorador! Aqui na Calçada, V. é o primeiro.

—Sem duvida que sim.

—Olhe que bobo!

—Capitão, V. Ex. podô fazer-me um favor?

—Diga o seja breve.

—Officiar ao Sr. Dr. chefe de policia, perguntando-lhe si um liberto pode ser authoridade policial?

—Onde V. viu isso?

—Na freguezia do *Segura paredes*.

—De quem é a nomeação?

—Ignoro.

—Explique-se.

—Digo que a lei é muito expressa, e que dá-se a authoridade de inspector de quarteirão á pessoas de criterio e

não a um liberto, que, alem do não estar no caso de occupar cargos publicos, acoberta-se com a facha, para por meio della induzir os negros e outros que roubam nas alvarengas e etc. a venderem-lhe seus roubos, ameaçando-os com prizão, invadindo cazas, etc. etc.

—A culpa teve quem lhe deu a nomeação: e o subdelegado está cego?

—Não sei; porem parece-me que para o tal inspector tel-o á sua disposição tomou-o por compadre.

—Isto é um absurdo!

Quem é esse inspector, que impune pratica tantos actos maus?

—Não sei do nome; porem V. Ex. pode mandar indagar pelo *Firmino*, em casa do *José*, que mora com o *Santiago*.

—Em que rua pratica o crime?

—No *Caes do Ouro*.

—Bem: vou primeiramente me dirigir ao subdelegado, a ver que providencias dá, e no caso de não providenciar, officiarei ao Sr. Dr. chefe de policia que mande syndicar por pessoa de sua confiança os actos praticados por aquelle liberto inspector, sendo responsavel o subdelegado pelos feitos do mesmo.

—Fico-lhe muito obrigado.

Illm. Sr. capitão Salvador Pires de Carvalho e Aragão. —Rogo a V. S., a bem da verdade e de sua reconhecida probidade, declarar-me ao pé desta, si trez animaes mandados por V. S. apprehender em sua roça e remettidos no dia 22 do corrente mez para o curral do conselho, por um escravo de V. S., do nome Francisco, si por cuja remessa houve V. S. estipendio algum: permitindo que de sua resposta faça o uzo que me convier, assignando-me

De V. S.

muito attento venerador e criado

F.

Em 23 de dezembro de 1867.

Illm. Sr. F. —Respondendo aos quesitos por V. S. exigidos, direi — que che

gando hontem, soubo que no dia 22 do corrente foram pegados trez animaes, que com outros diariamente invadem esta roça, os quaes foram remettidos ao Sr. subdelegado, mandando este remettido ao Sr. fiscal geral, e isto dando guia mandou pelo nosso escravo Francisco recolhel-os ao curral do conselho, sem que pela minha parte percebesse estipendio algum: é o que em abono da verdade lhe posso responder. Sou

De V. S.

muito attento venerador e criado
Salvador Pires de Carvalho e Aragão.

S. c. 25 de dezembro de 1867.

(Estava o reconhecimento publico.)

Deseja-se saber da Illma. camara municipal, si os seus guardas ganhando 1\$ rs. diarios são para o serviço da mesma, ou para serem distrabidos em occupaões particulares, comprando e carregando, como ainda no dia 8 foi encontrado um de garrafão ás costas, com dous lanhos de toucinho e outros objectos.

O Universal.

Poderão ser pretendentes ao alto logar de escrivão de almoxarife do arsenal de marinha dois sujeitos—um que ja foi prezo por cumplice de moeda falsa e outro que consta ainda passa. . . . ?

O Baratinha.

VARIÉDADE.

PASSE POR LA MUITO BEM.

—Teu sorriso e olhar meigo,
(No amor ainda sou leigo)
Acaso dizem—amor?

—Não, senhor.

—Pois olha, eu assim cuidava:
Julguei-te um anjo... e sonhava,
Eras o meu ideal!

—Pois fez mal.

—Mas tu de certo sabias
Que neste peito, accendias
Ardentes chammas d'amor!

—Sim, senhor.

—Sabias!... e não fugiste!
Meiga fallaste!... sorriste...

Ail dize qual foi a razão?

—Distracção.

—Então quizeste attrahir-me
Somente para illudir-me,
E dar-me angustia infernal?

—Tal e qual.

—E não sentes no teu peito
Dos remorsos o effeito,
Por essa cruel acção?

—Nada, não.

—E, ao ver-me triste e soffrendo,
D'amores por ti morrendo,
Talvez que sintas prazer!

—Pode ser!

—Eu, porem, não te mer'cia
Essa feroz tyrannia,
Na minha cega boa fé!

—Assim é.

—Comtigo sempre discreto
Fui, na força deste affecto,
Que tão d'alma te votei!

—Bem o sei.

—Ai! nunca vi, na verdade,
Tão requintada maldade!
Não terás tu coração?

—Talvez não.

—E não posso ter, já agora,
Dessas esp'ranças d'outr'ora?
Nem uma esp'rança d'amor?

—Não, senhor.

—Visto isso, adeus querida,
Vou tratar da minha vida!
Sinto a morte em teu desdem!

—Passe bem.

ANNUNCIOS.

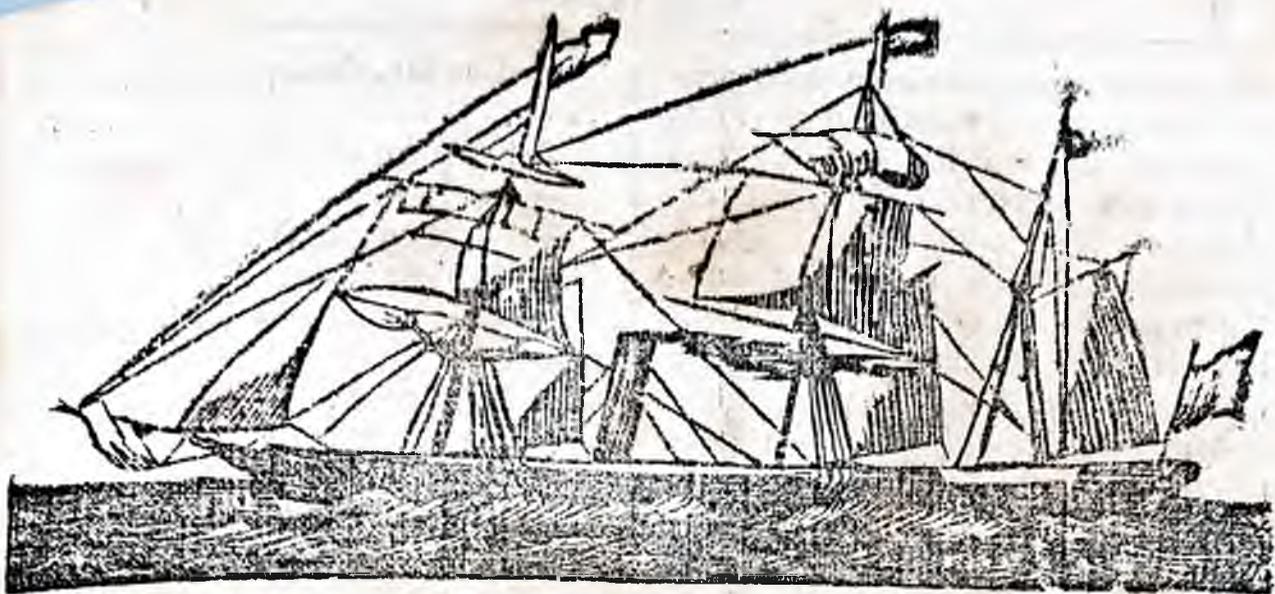
VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives loja n.º 9 B, na Saude, rua do Jogo do Lourenço, casa n. 199, vende-se bom café muido puro.

Quem precisar de uma ama para cozinha dirija-se a esta typographia.

Pede-se ao Sr. pharmaceutico José Henrique Barbosa de Oliveira, queira chogar a venda n.º 32 rua Direita da Misericórdia para negocio que não ignora.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIÓDICO CÉRIFICO E CHIISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

11 DE JANEIRO DE 1868.

SERIE 31.—N. 309.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1º andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de janeiro de 1868.

Officio ao Ilm. Sr. subdelegado da Rua do Paço, ainda uma vez pedindo-lhe toda attenção e vigilancia para o *Paraguay*, á Estrada Nova, onde é constantemente alterado o socego publico, por uma malta de desordeiros e capadocios que ahi se ajunta. Ainda ha poucos dias, um escravo do proprio Sr. Para-assú, de nome Hermes, inteatou ferir com uma faca de ponta, a um senhor moço, facto que se não realison por haver este se trancado em um quarto.

Esse escravo Hermes pela ousadia que tem de seus senhores, é alli o mais insolente alarmista.

Espera-se que S. S. prestando consideração ao que aqui se lhe recommenda, tenha debaixo de suas vistas aquella *republiqueta*, foco de desordens e immoralidades.

A CAMA.

Tem os escriptores prosistas e poetas elogiado tantos logares, e tantos trastes, entretanto ainda nenhum fez um elogio a cama, objecto de tantas considerações agradaveis.

A cama foi inventada alguns annos depois de creado o mundo, porque consta que Adão e Eva não tiveram cama; apenas quando era noite juntavam um grande monte de capim secco e se deitavam sobre elle. De lenções tambem não usavam porque eram robustos por tal forma que não sentiam frio, e si acaso no inverno havia alguma noite de muito vento e frialdade, cortavam folha de bananeiras e se cobriam com ellas. Foi apparecendo a civilisação e entrou-se a usar de ostrados de pau todos rasos sem cabeceira nem pés; mas vendo os casados que era preciso fazer-se a cama um pouco levantada do chão para guardar em baixo o ourinol e o gato, inventaram umas camas de jacarandá com armação tão alta que era preciso subir-se uma escada de seis degraus; estas camas eram bonitas, porem incommodas por causa da subida, e em

virtude deste inconveniente estão pro-
sentemente substituidas com as camas
francezas que são baixas com cintas
largas e cabeceiras esbarradas com
elegancia, imitando as popas dos navi-
os de alto bordo; e justo é que se es-
tudem todos os melhoramentos e bel-
lezas da cama a vista da importancia
que ella merece.

A cama pode-se dizer que é a gua-
rita onde a creatura depois dos fadigas
dos trabalhos do dia vae gozar descan-
ço, e cobrar novo alento para viver:
é a cama o agradavel recosto onde o
sabio combinando seus pensamentos,
adquire ricas producções, e melhora-
mentos de sciencia; é a cama o verda-
deira Parnaso onde o poeta absorto no
silencio da noite recebe saudosas ins-
pirações mandadas por Apollo; é na
cama onde o homem morigerado e bom
christão recorda os actos que praticou
durante o dia, e cuida em corrigir os
erros que nelles envolveu; é tambem o
infelizmente, a cama o lugar onde o
usurario estuda meios e modos de ar-
rancar o dinheiro nos seus tractos e
velhaçadas; e é na cama onde o empre-
gado rapina planeja astucias para rou-
bar os cofres da nação, e é finalmen-
te na cama onde o malvado de alma
corrompida arma ciladas e traições pa-
ra fazer mal ao seu semelhante; porem
graças a Deus quando eu estou na ca-
ma sem dormir, não sou tentado destas
malditas ideias, por que o meu pensa-
mento nessa occasião só se occupa de
tres pontos, um é apresentar artigos
para ganhar a opinião do povo, outro
é escogitar termos amaroleticos, e ado-
cicados para conseguir affeição das
moças, e outros é ver se descubro fa-
zer ouro, ou prata fina.

(Continua)

A PEDIDO.

- O lá, immediato!
- Prompto, capitão.
- Deita o oculo e observa que navio
é aquelle que alli vem.

—
E' um navio corsario, capitão, traz a
bandeira de todas as nações.

— Abordar, chamo-o á falla.

-
- Quem é o capitão deste navio?
- Aqui estou.
- De que nação és filho?
- Da portugueza.
- Que nome tem o navio que com-
mandas?
- *Rapinorum.*
- Que bandeira traz?
- A de todas as nações.
- E' pirata o teu navio?
- Não resta dubida.
- Onde vem, para onde vaes?
- Benho de *Descaratropolis* o bou
para *Latronopolis.*
- Que vento trazes?
- O nordeste.
- Que carga levas?
- Não tenho que lhe dar contas.
- Capitão, o commandante deste pi-
rata resiste em mostrar o manifesto.
- Si não quizer por forma alguma
mostrar, manda applicar-lhe uma bala
do rodizio de prôa.
- Ouviste as ordens, pirata?
- Aqui tem o manifesto.
- Ainda não quiz entregar o mani-
festo, immediato?
- Já. Lá vao para V. Ex. ver.

.....
Vejamos:

40 caixões de pinho — moeda falsa;
50 caixas — ouro roubado a diversos
paes de familia, que *enforcados*, iam
depositar na mão deste ladrão;

60 ancoréttas — rapinagom feita a di-
versos navios encontrados por elle no
alto mar;

1 livro com os nomes dos socios da
falsa moeda, residentes em *Latrono-
polis*;

300 massos — cartas da *santa ter-
rinha* com direcção aos negociantes
ricos da praça *latronopolitana*, a força
da falsificação da moeda papel.

Passemos aos passageiros:

5 viúvas logradas por este tratante;

4 donzellas por elle seduzidas;

10 escravos roubados a uma pobre
senhora, que teve a infelicidade de se
confiar deste latrono;

2 escripturas de duas propriedades

roubadas a uns orphãos, de quem era elle tutor.

— Não tem mais nada?

— Tem aqui ainda uma lembrança de um envenenamento feito por este malvado a uma infeliz criança de 10 annos, afim de se apossar de todos os seus bens

— Acabou se?

— Agora só tem o apanhamento de uns machadinhos, espingardas e mais instrumentos precisos, com que elle dava abordagens nos navios que roubava.

— Carrega todos os marinheiros deste navio de ferros e deita um par de machos nos pés do capitão e traz-o aqui para o porão, para ser interrogado por mim sobre o manifesto.

(Continua.)

MOTTE

feito por uma boa mãe, á seu filho na campanha do Paraguay.

*Deus te queira abençoar
Por si, por mim, por teu pai,
Para teres boa sorte
Na guerra do Paraguay.*

GLOSA.

Tem esta por fim lembrar-te
Que deves ser comportado,
Embora fosses creado
Por quem não soube educar-te;
Porém muito soube amar-te,
E te deseja abraçar;
Esta mãe que de chorar
So lhe tem falto morrer
Feliz te deseja ver;
Deus te queira abençoar.

Sei que os perigos da guerra
Não privam vadiações;
Mas é Deus, e as orações
Quem nos detem sobre a terra.
Vis pensamentos desterra;
Aos bons acompanharás;
Aos maus não imitarás:
Não sejas qual Judas foi
Para que Deus te abençoe
Por si, por mim, por teu pai.

Faze por ter um amigo
Para esse te ajudar
Quando hajas de ficar
Sobre o campo sem abrigo:

Da guerra o maior perigo
Não entendas ser a morte.
O desespero mais forte
E' não se ter devoção.
Faze pois depreciação
Para teres boa sorte.

Nunca serás esquecido
Dos amigos, e dos teus
Que fazem votos a Deus
P'ra seres bem succedido.
Não fiques esmorecido:
Si haveis de morrer, matai;
Mas, meu filho, respeitai
Ao pobre prisioneiro:
Sê honrado brasileiro
Na guerra do Paraguay.

VARIEDADE.

Correspondencia amorosa.

Minha chara Xifronia:— «Depois que te mostrei a *conta corrente* do meu namoro, pude, com o *saldo* do amor que me coube, *estabelecer-me* com nova *taverna de poesias*. Já vês por tanto, que estou bem *sortido* de versos e com grande *frequencia litteraria*; é esse o principal objecto que muito concorre para a pontualidade dos meus *pagamentos* amorosos! E' tal a *affluencia* de carinhos, que o *balcão* da minha amizade necessita de dous *auxiliares* de paciencia para o *expediente* do sentido, que passo a limpo nas noites *asselvajadas* da insomnia! Habituei-me a dar uma *quebra* de affeição a todas as ternuras que insensivelmente *compram* os meus risos, hoje posso-te afirmar que não ha um só olhar *seductor* que deixe-de ler a *tableta* da minha paixão.

«As *contas assignadas* pelo juramento de amor avultam bastante na *carteira* dos meus desejos! Si não forem cumpridas no *prazo* das minhas esperanças, pretendo cobrar *um por cento ao ciume* pelas promessas que a minha fé conceder. O *caixeiro* das minhas confidencias te apresentará uma *ordem saccada* pela força de meu affecto *acceita* pelo entusiasmo que me faz palpitar o coração, o *endossada* pelos devaneios do prazer.

4
«Farás o obsequio de a registrar na
caderneta dos gosos a pagar.

Teu

TIBERIO DAS NEVES RODOVALHO.»

Corte 10 de agosto de 1860.

RESPOSTA.

Meu querido Rodovalho. — Si te adoro
não sou criminosa! O que me força a
amar-te é mais que uma sympatia: é a
torrente de harmonia das sensações de-
liciosas; é a phrase eloquente e faguei-
ra da sensualidade; é a expressão ca-
denciosa dos teus negros olhos; é o hali-
to ardente dos teus suspiros, e o echo
queixozo dos teus cantos apaixonados.

Si perscrutasses os serenos balbucios
que borbulham nos meus labios, quan-
do estou só *lavando*, dirias que os *mur-
múrios* da fonte não tem tanta doçura
para enlevarem a viração que palpita
na ramagem da floresta! Já puz na
barrella das minhas meditações volup-
tuosas todas as recordações embria-
gadoras de tuas amostras de estima!
Não imaginas as *gamellas* de pranto
que *servem no tazo* do meu coração!
Supponho que a *cinza* da minha dor é
bastante para *desencardir* tuas *avina-
gradas* desconfianças!

«Tu dizes-me que o teu peito sup-
porta mais calor de sympatia que o *fo-
gareiro* em que *freges* as tuas *sardi-
nhas* e eu digo-te que a agua com que
cosinho a minha *barrella* de esperan-
ças, não é mais fria do que as lagri-
mas *ensaboadas* que derramo na *trou-
xa* das minhas magoas!

«Oh podessem os teus ardentes des-
vellos pagar-me com ternura o ardor
dos meus zelos virginaes, que eu não
precisaria de mais *sol* para *enzugar* os
meus humidos receios! Então poderia
corar ao relento dos teus risos suaves,
os *pannos* da mais tecida e valiosa im-
pressão dos meus sentimentos. So as-
sim tirava eu as *nodoas* da saudade que
me punge.

«Escuta: tu não amas a *lavadeira*
com o seu vestido arregaçado, suas ru-
bras faces, com o seu avental escuro,
meneando com graça os grossos braços

requeimados ao sol?! Dize: não amas?!

Ah' meu encanto! lor o terníssimo
Rodovalho, si no *balcão* das minhas
considerações não coubessom todas as
peças do perjúrio, teria enloquecido
para accomodar o resto dos *trapos* de
teus protestos de sincera inclinação!

«Julgo que no *rol* dos teus encantos,
não foram *caros os pontos e remendos*
de todos os meus padecimentos! a *som-
ma* das minhas venturas importo em
pouco sacrificio de tua generosidade!
Dizer-te que no placido e limpido rio
do meu sonho se retrata o teu mimoso
semblante a *enzaguar* a minha *clara*
sinceridade! Persuado-me que não tens
nodoa para que me esqueças, meu ter-
no Rodovalho?

«Tranquiliso-me confiada nas *do-
bras* da tua amizade! Adeus: ate á pri-
meira.

«Tua querida e sempre affavel.

Ximfronia.

N. B. Não posso deixar de *alinha-
var* uns versos para por a *marca* dos
meus ais no meio do *crivo*, que adorna
o teu *engommado* coração. Eis os:

«Meu Rodovalho querido,
«Tenho o peito *descosido*
«E o coração *remendado*;
«Já não *pesponto* o prazer,
«Os risos não sei *coser*
«No desgosto *esfarrapado*!

«Lavo paixões,
«Engommo dores
«Cirjo a lembrança
«Dos meus amores!

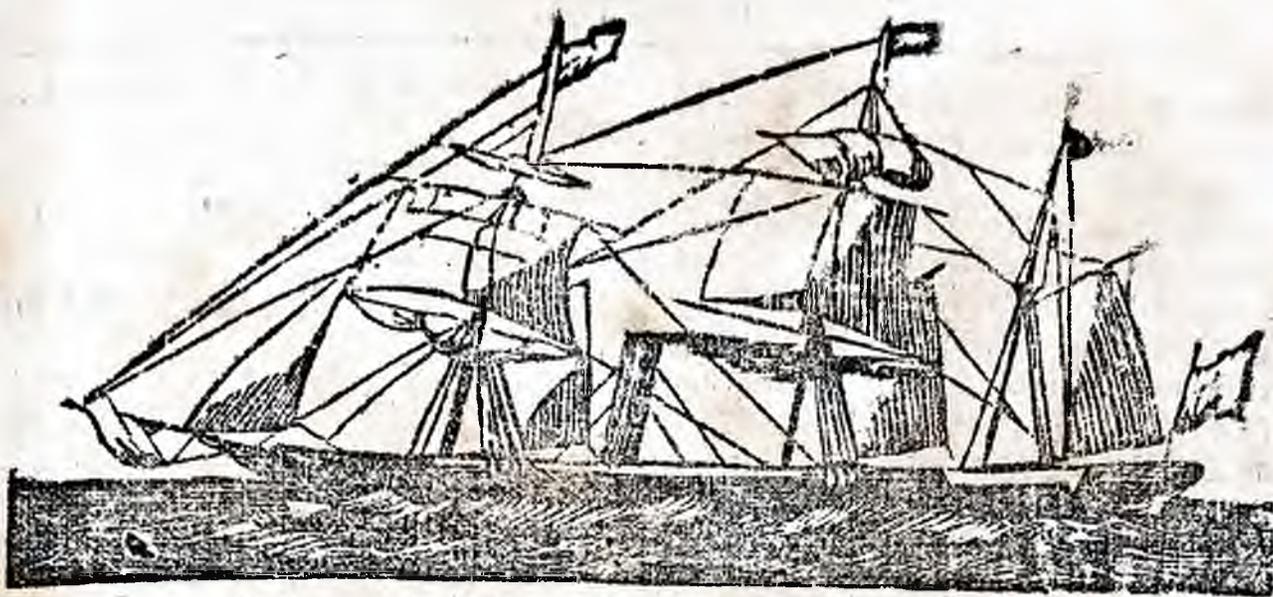
«Tenho *agulha* da saudade,
«Falta a *linha* d'amizade
«Para *pregar* a afeição!
«Lastimo terem cahido
«Os *botões* do teu sentido
«Dentro do meu coração!

«No *rol* que veio
«Dos teus queixumes,
«Vão mais em conta
«Os meus ciumes.»

(Extr.)

ANNUNCIO.

Quem precisar de uma ama para co-
sinha dirija-se a esta typographia.



O ALABAMA

PERIÓDICO CRÍTICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

14 DE JANEIRO DE 1868.

SERIE 31.ª—N. 310.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúoa, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 13 de janeiro de 1868.

Offício ao Illm. Sr. superintendente do matadouro, communicando-lhe que lá para a rua da Valla, districto dos Mares, um Sr. *Feliciano*, na porta do *Soares*, mata uma vez por outra seu boisinho e expõe á venda, sem a competente licença municipal, e, como apesar do morar allí tão perto o fiscal geral, ainda não deu por isso, leva-se ao conhecimento de S. S. para providenciar, como o caso pede.

—Ora attenda bem para este pedacinho e me diga si isto é ponta ou cabeça.

—Si não é alguma rematada parvoice, diga.

—Abra o *Diario* de 11 e leia esta noticia, que não é a primeira que elle publica no mesmo gosto.

«—Do dia 1.º do corrente até hontem (10) o Sr. Dr. chefe de policia

tem remettido os seguintes *recrutados*:

Para o exercito.....	41
Para a armada.....	3
VOLUNTARIOS.....	3
	—
	47

—Isso é o espicha mais redondo que tenho visto em minha vida.

—V. que já viu o governo mandar pagar algemas para conduzir voluntarios, admira-se agora que o chefe de policia recrute para voluntarios.

—Si aqui, á vista do governo, se pratica disto, abi por fora o que não será!

—O que ha?

—Entraram n'uma casa, fora de horas, varejaram-na canto por canto, armario por armario, gaveta por gaveta, prateleira por prateleira, bifaram o que acharam e ompinaram-se. E tudo isso praticaram em nome do Sr. Dr. chefe de policia!

—Mas onde foi isso acontecido?

—Na Cruz da Redempção, freguezia de Brotas. Um grupo de 12 a 14 individuos, sem sciencia do subdelegado do lugar, foram á meia noite á casa de

Geraldo Lopes, occasião em que este não estava, por se achar pescando, e em nome do Sr. Dr. chefe de policia ordenaram a uma filha do mesmo que abrisse a casa, si não queria vel-a arrombada; franqueada a porta, invadiram-na com incrível e voraz gana, vasculharam os cantos mais reconditos e recrutaram 58\$ rs.

—E' o mais atroz e inaudito attentado contra a propriedade e segurança individual que se pode praticar.

—O que me faz pasmar é dizer-se que essa *intrepida expedição* foi ordenada e dirigida por uma authoridade visinha do logar.

—Fosse por quem fosse, é uma inqualificavel arbitrariedade entrar violentamente em casa do cidadão, alta noite, dando logar a que os sequazes que o acompanhavam commettessem o roubo.

—Tambem no dia 2 do corrente deu-se caso semelhante á este na freguezia da Penha, a differença foi ser praticado de dia.

O Sr. Nicolau Joaquim Dias teve sua casa cercada e saqueada em quanto estava na cidade, servindo-se os vasculhadores da estrategia do passarem pela casa de saveirista João Alves da Silva e pularem o quintal.

—Como se praticam estes escandalos em nome d'authoridade!

—Arbitrariedades por toda parte!

O povo é a besta de carga, que ha de supportar calada toda sorte de veixames!

O asylo do cidadão não é mais respeitado e a qualquer hora do dia ou noite é entregue á sanha dos esbirros da policia!

Na noite do dia 10, ás 11 horas, o Sr. tenente Côte Imperial, recrutador desta cidade, *embarafustou* por uma casa a dentro na rua Direita da Misericórdia para recrutar um homem.

—Não sei como se entrega assim certas commissões á leviandade de homens, cujos precedentes muito lhes

desabonam a prudencia e commedimento.

—A guarda nacional está recrutando para completar contingente.

—Ja sabe que está em scena tudo quanto é tropelia e abuso.

—O menor que elles commellem é sahirem de suas freguesias para irem recrutar nas outras.

—Muito africauo tem sido preso estas noites!

—São recrutas.

—Que recrutas, homem?

—V. não sabe que está se recrutando os africanos para engrossar as fileiras do exercito?

—Não.

—Pois saiba; é a exemplo do Rio.

—Estão procurando complicações com a Sra. Albion.

—Ella não tem que metter o bedelho nisso.

—Si entender que sim, V. verá o ministro inglez com o bico no negocio e os nossos dominadores murcharrem logo a christa, dando razão ao sujeito.

—Capitão, acabo de receber uma carta do sul, vinda do theatro da guerra.

—Se traz alguma cousa de importante leia.

—Aqui está. Leia mesmo V. Ex.

—« Tuyu-cué 14 de dezembro de 1867.

«Amigo Manuel Pedro.

.....
«Não ha por ora nada de novo por aqui. O sitio que fizemos frustrou-se, porque os paraguayos abriram uma estrada no Chaco, por onde recebem mantimentos. Não ha ainda probabilidade desta guerra acabar se tão cedo; mas, o culpado de tudo isso é o governo, que ajustou a obra de jornal e não do *empreitada* como devia ser. De ha muito podia ter-se terminado esta guerra; mas como si os *jornaleiros* ainda não saciaram a sua sedo de ouro!

.....
«Não sei, meu amigo, quando tere

o prazer de ver-lho para abraçal-o.
«Aceito lembranças do

«Seu amigo dedicado,
«E. P. F. de Souza.»

—No entanto que o governo ainda pede mais cinco mil homens para a terminação desta devastadora guerra.

—Mas, capitão, V. Ex. não vê o que diz o amigo Souza na sua carta, que esta guerra ha de ultimar se quando os *jornaleiros* saciarem a sua gana de ouro.

—Estou por isso.

Carta do Capitão do «Alabama» a seu correspondente na corte, o Patusco

(Continuação.)

—Este caso não é meu.

Segundo a publica voz,
Foi elle acontecido

Aqui bem perto de nós.

Eis a cousa como foi
Sem nenhuma alteração:
Depois que o apreciar
Diga se acredita ou não.

Um desses heroes da patria,
Em diligencia sabiu,
Em busca de um recruta
Q'em casa se preveniu.

Ao chegar elle e a escolta,
Foi logo a casa cercada:
Ouvem se dentro gemidos
De uma mulher pejada.

Batteu na porta; abriram,
Uma mulher apparece;
Diz elle; componha a casa
P'ra correl-a. . . me conhece?

Ah! meu senhor! lhe diz ella,
(E faz o signal da cruz)
Uma pobre rapariga
Está quasi a dar a luz.

Desconfia o caçador
Da historia que sta ouvindo;
Eis que gritam la de dentro,
Acudam que vae sahindo.

Com tal grito o caçador,
Pensa que o cabra pulou,
E invadindo a camarinha
Do que viu pasmo ficou.

Sahiu fora desapontado,
E diz, voltemos p'ra traz;
Baldaram-se os meus esforços!
Só artes de Satanaz! . . .

Quer V. saber agora
O desenlace do drama?
E' que o proprio recrutando
Era o que estava na cama.

D'antemão já prevenido,
Faz de pannos grande pança,
E tomando as posições
Em tempo espreme a creança.

E pregou no commandante
Uma peça sem egual;
O qual ainda procura
O guarda nacional.

Que paiz abençoado,
Em que o guarda já dá cria!
Soffrendo dores á noite
Para cantar todo dia!

(Continua)

A PEDIDO.

— V. vae á cidade baixa?

— Estou nesse proposito.

— Si encontrar por la o *Manoel Pereira*, diga-lhe que usar de franquesa é muito bonito, e que isso de negaças não é proprio de homem que se prese; mormente quando não se lhe vae pedir favor; que si elle não se inculcasse de encarregado pelo *Souza*, não se lhe procuraria.

— Si o encontrar na *Phenix* hei de escarrar tintin por tintin o seu recado.

— E' preciso que elle comprehenda que se quer ser tratado com consideração, deve tambem prestar a devida consideração aos mais.

CARTA

apprehendida em mão do mercurio escrevente Leopoldino, dirigida pela rapariga honesta Fausta a seu amante.

Joãozinho. — Muito hede estimar que theinha boas despedidas de anno, e boas entradas de anno nouvo, na companhia de quem lhe for caro. amanhã vá as 7 horas em São pedro, que eu vou para lho apertar a mão, para ver se

teinho afflicção de passar o anno do
68 mais satisfeita e nu mais aDens athe
amanhã

Sua amante

Fausta.

Mande ja areposta pois com impa-
ciencia estou esperando.

— Minha querida I. quanto
desejava encontrar-vos! que praser!

— Minha querida A. esse era
tambem o meu desejo! Que felicidade.

— Ah! minha I.! quanto te-
nho a dizer-vos. . . mas, retiremos-nos
da confusão.

Ah! I., não sabes, meu primo
Cazuza, que eu tanto amava, que eu
idolatrava.

— Então que teve?

— O que teve? oh! eu nem me atro-
vo a dizer-te. Vede estas lagrimas que
choro, a trez mezes que são meu ali-
mento. . . o ingrato ausentou-se.

— Que diz? minha amiga; mas sabe-
rá V. as razões que a isto o obrigaram?

— Que sei eu I.; nós nos ama-
vamos muito. Todas as noites elle me
vinha fallar na escada, no quarto do
preto, promettia-me o jurava-me que
havia de cazar comigo. Outro dia veio
jantar em casa; então reparei que
mostrava muito affecto a minha irman,
até chegou a dar lhe uma laranja na
sobremeza, que ella muito contente re-
cebeu; mostrei-me arrufada, e de noite
não quiz ir a escada. . . e d'aqui foi a
minha infelicidade. Em trez dias fez
viagem e ausentou se.

— E já lhe escrevestes?

— Ja, I. . . . , e elle me respondeu que
me hade amar sempre, que apezar de
ausente, se cazará sempre comigo. . .
embim estou no auge do desespero, e
desejava ver-te para depositar em teu
peito este segredo que me mata. . .

— Bem, I., ja que tu foste
franca comigo, vou tambem confiar-te
minha infelicidade.

(*Continua.*)

VARIÉDADE.

AMOR DE SAPATEIRO.

Um honrado sapateiro, conta a Ver-

dade, em um assomo de paixão, escre-
veu á sua amada a seguinte carta:

« Anjo. — Se viras como a torques do
ciume me aperta o coração, verias co-
mo a *trinchete* do affecto corta o fo da
minha duvida, qao é tenue como o vi-
dro com que aliso a *sola* da obra de
mulher. Sou um artista rude, mas,
quando subi em *palmilhas* a escada,
escutei a tua conversa com a vizinha.
Por S. Crispim! toquei o *pino* da deses-
peração. Quando se recebe de um amor
puro uma indifferença assim, *tomba-*
se-nos o coração na *fôrma* do peito, e
a alma fica esmagada nas *encospias* da
angustia. Si naquella occasião prego
commigo da escada abaixo, estava tu-
do acabado. Não o fiz, porque assim
como sou manso como um *bezerro*
quando me acarinham, fico mais duro
que a *pedra* quando me maltratam.
E como não pude ainda calcular pela
craveira do entendimento quantos *pon-*
tos mede o tou affecto, desejo que me
dês um desengano, porque esta incer-
teza ja me *massa* em demasia. Sinto
não ter o *polimento* da eloquencia do
Bandarra para me tornar digno de ti,
mas tenho em paga disso uma loja a-
freguesada, em que a obra da *venda*
ignala a de *encommenda*, e no meu of-
ficio não ha artista mais honrado. — Tou
do coração. — *Crispiniano.*

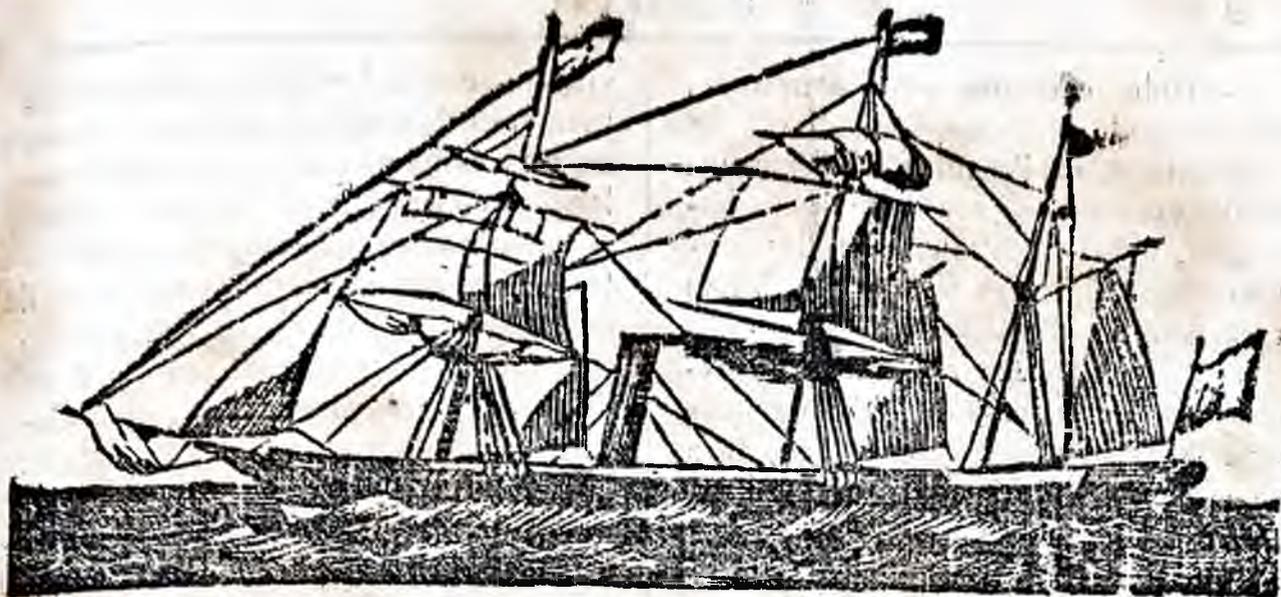
ANNUNCIOS.

Vende-se um piano em bom estado;
quem pretender dirija-se a loja de ou-
rives defronte do Rosario da Baixa dos
Sapateiros, que achará com quem tra-
ctar.

O abaixo assignado, proprietario da
venda n.º 32, á rua Direita da Mize-
ricordia, pedo as pessoas que contrahi-
ram contas com seu ex-caixeiro Jozino
Sabino Pereira dos Santos, que as venha
saldar na referida venda ao abaixo
assignado. Bahia 13 do dezembro de
1867 — *Seraphim Marques Moreira.*

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives loja n.º 9 B, na
Saude, rua do Jogo do Lourenço, casa
n. 199, vende-se bom café muido puro.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

16 DE JANEIRO DE 1868.

SERIE 32.—N. 311.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fór folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 15 de janeiro de 1868.

Officio aa Illm. Sr. encarregado do accio da cidade, parteeipando-lhe que a rua dos Marchantes está se tornando um verdadeiro deposito de immundicies por não haver um carro que remova dalli o lixo que diariamente e despejado pelos moradores. Nesste sentido pede-se a S. S. que haja de providenciar.

—A circular do Sr. Azambuja, recommentando moderação no recrutamento, escrupulo e circumspecção na remessa de contingentes, é uma perfeita burla, um accintoso escarneo ás garantias individuaes, ás isempções legaes!

Os factos ahi estão demonstrando que isso não passa de um montão do palavreado fofo.

No sabbado foram recrutados em Periperi e remettidos para a cidade 14

individuos, dos quaes só UM foi julgado apto!

Todos tinham isempção legal e provada!

—E por fim de contas dizem que o recrutamento é feito com toda regularidade, sem nenhum vexame ou atropello á população.

—Esses 14 individuos, desde sabbado quando foram recrutados, até segunda feira ás 2 horas em que foram soltos pelo Sr. Dr. chefe de policia, não comeram nem beberam, porque não lhe deram.

—Isso é por malvadez ou por grillo, porque o individuo desde que entra no quartel vence logo uma etapa.

—Aqui está a moderação no recrutamento, agarrando se homens incapazes de servir, sem se attender ás provas de sua incapacidade, dando-lhes prejuizo em seus interesses, obrigando-os a um incommodo caminho para chegarem na cidade e serem soltos.

—Toda actividade de nossa policia resume-se actualmente em fazer recrutadas!

—E de que maneira!

— Tudo mais que ande á matroca, não faz mal.

Domingo, na Preguiça, abalroaram-se dous carros, por contumacia dos boleciros, e da graça ia resultando ficaram esmagadas tres pessoas, sahindo uma bem maltractada.

Depois de muitas *edificantes e commedidas* imprecções dirigidas de parte a parte, retiraram-se os carros um para a cocheira dos Vehiculos Economicos, outro para a do Sr. Abreu.

— O pega-pega nesta cidade tem attingido a um grau desproporcional de escandalo.

Entregue a pessoas ignorantes e imprudentes, tem isso dado causa a que scenas ridiculas, burlescas, arbitrarias, attentados contra as liberdades publicas, se reproduzam a cada canto das ruas desta cidade.

A guarda nacional está com alçada para qualificar a vapor a quantos cidadãos encontre na rua.

Os operarios que sahem de madrugada ou voltam á tarde de seus trabalhos são violentamente agarrados para este ou aquelle batalhão.

Os subdelegados cercam á noite o asylo do cidadão e accommettem-no.

O sargento ou guarda nacional que tem asco deste ou daquelle, preunde-o por acinte para dar-lhe o *mate* de vel-o dormir uma noite no calabouço.

Ainda hontem á noite na freguezia da Sé, um inspector de quarteirão, em acto de serviço publico, foi preso de facha.

E' isto toleravel?

— De certo que não.

— E o Sr. Azambuja sabe de tudo e fecha os olhos e quando alguém vae reclamar seu direito, diz que tem mais o que fazer; e no outro dia manda estampar no *Diario* palavras pomposas e melifluas para adocicar a boca do povo.

A CAMA.

(Conclusão.)

Tornemos a cama.

Um dos maiores recreios da vida, é quando, depois de fazermos uma longa

viagem com sol e fadiga, chegamos á uma casa de campo e abi nos deitamos em uma cama macia entre os agradaveis lençoes de linho, e então si depois disto ouvimos cahir uma forte chuva sobre o telhado ainda mais gosto é o regallo. E que diremos de uma cama de noivado cheia de rendas engomadas, de topes de fita de garça o flores!! E si é collocada em um quarto bem pintado ou forrado de papel, e tendo um bom espelho no toucador, cheio dos lindos vasos de porcellana doirada com pomadas cheirosas e essencias finas!! Oh! ahí é que se acha o paraizo terrestre. Quando depois do festim da hoda, os noivos entram para o seu ninho enfeitado, vão com mais prazer e mais gloria do que o Sultão sobe para o seu throno, chegam mais satisfeitos para a cama do que o general para o seu exercito. E quando havemos nós de comer desta cocada? Vontade não nos falta.

As camas na Europa se usam com colções altos, e muitos enchimentos por causa do frio, porém felizmente nós cá não precisamos disso, porque o Brazil está quasi sempre em uma temperatura agradavel, e podemos dizer que principalmente nas noites de lua, pelo verão, a melhor cama para a nossa terra é uma esteira em beira de praia, e com um travesseiro de collo macio. Não ha quadro mais encantador para um poeta ou um bom pintor do que ver a moça donzella com a elegante madeixa dos cabellos cabidos dormindo sobre os alvos lençoes de sua innocente cama; d'abi se espalha um halito virginal que cheira a jasmims, entre tanto que as camas dos casados ordinariamente tem uma murrinha do mau cheiro dos pes dos maridos: as camas das viúvas são muito lisas e frias, bem como as das freiras, que é preciso acenderem fogareiro para se aquecerem em certos dias de chuva.

As camas em geral devem ser largas, porque acontece que se pode sonhar á noite, entrar a rolar pela cama e sendo estreita pode se cahir de frente e amassar o nariz sobre o chão.

As duas occasiões em que a cama é

muito feia, o até medonha são quando
vemos uma mulher botar o filho, e ain-
da mais quando está um doente muri-
bundo nos ultimos arrancos da vida;
porem em desconto d'isto tambem mui-
tas vezes se morre de amores sobré a

cama, como disse Bocago n' um soneto:
E' doce ver-te de meus ais vencida
Dar-me em teus brandos olhos desmaiados
Morte, morte de amor, melhor que a vida.
N. B. — Posto eu em todo caso antes
quero vida, do que morte do amor.

LA VAE VERSO.

A Festa do Senhor do Bomfim.

Eu louvo o festejo
Melhor cá p'ra mim,
A lyra me afina
Senhor do Bomfim.

Festejo que é feito
Com tanta influencia,
Com tanta riqueza,
Mas pouca decencia.

Apenas a aurora
Começa apontar,
O povo contente
Começa a marchar.

Evem com tal graça
As barras do dia,
Que todos desejam
Fazer romaria.

O povo á igreja
Vae toda entupir,
Esmola no cofre
Começa a cabir.

Lá chega o doente
Já convalescido,
Que traz o milagre
Que foi promettido.

Cavallo não fica
Por magro e cançado,
Que a baixo e a cima
Não seja equipado.

Só passam nas ruas
Famosos balaaios
Com queijos, presuntos,
Com vinhos e paios.

No rancho de flauta
Que traz castanholas,
Não falta o gaiato
Contando parollas.

Lá passa a beata
Toda arregaçada;
Do longo caminho
Vem ja bem cançada.

La vem o vapor
De creoulas cheio;
Os amantes destas
Tambem vem no meio.

Lá chega no caes
Com tope o saveiro,
Que traz dentro o amo,
O filho e caixeiro.

Que vista sublime!
Que gosto sem par!
Do povo que busca
Jesus adorar!

Mangueiras frondosas
Abrigo da gente,
Que toca a violla
Sambando contente.

Rapazes gameubos
A moda vestidos,
De gordos cavallos
Sempre stão munidos.

Ouvir da igreja
O sino saudoso,
A gente p'ra missa
Chamar pressuroso.

As moças em penceas
Comprando na feira
Bonecos trocando
Na tal brincadeira.

Dançando o fundú
Faceira mulata
De voz aflautada,
Dengosa, impinada.

Ao som dos pandeiros
Toda electrisada,
Fazendo tregeitos
Dá uma embigada.

O frade vadio
Foge do convento,
Mette-se na roda
No mesmo momento.

Nas casas do adro
Stá rolando o jogo,
E os que mais perdem
E' que tem mais fogo.

La estão botequins
Bem cheios de gente,
Uns compram petiscos,
Outros aguardente.

Ir á Mont-serrat
Ou Boa Viagem,
Meninas no banho
Achar de passagem.

Cabellos cabidos
No collo ondeados,
Braços elegantes
Peitos boleados.

A' noite o leilão
A todos convida
P'ra ver o adonis
Gastar com a querida.

No adro e no campo
A gente deitada,
A espera do fogo
Fazer cassuada.

Ouvir na novena
Beatas cantando,
E o Marcos barbeiro
Zabumba tocando.

Foguetes avisam
Que o fogo começa,
Quem estava deitado
Levanta a cabeça.

La giram rabeios
Craveiros, pistollas,
Foguetes que fazem
No ar caramollas.

Foguetes de lagrima
No ar faz candeia,
Cahindo em mellurias
A's casas clareia.

Então neste acto
Se vê de repente
O campo coalhado
Com a pinha de gente.

Molequos vadios
Que vão tomar sopa,
Soltando assovios
Gritando—*garopa*.

O povo em plutões
Ahi volta cantando
Caixeiros, rapazes,
Com flauta marchando.

Cavallos, carrinhos,
Negros de cadeira,
Empatam caminho
Nesta brincadeira.

Ao pé de uma velha
Que traz capa preta,
Vem moça acanhada
Vestida em careta.

Um vèu desbotado
Cobrindo o pescoço,
Vestido mal feito
Descobrimdo o osso.

A velha apressada
La vac sempre a pista.
Com medo quo a moça
Não fuja da vista.

Que nestas meninas
Ha bem alvitreiras
Que mesmo por graça
Vão indo as carreiras.

E logrando a velha
Nesta cassuada
Podem vir pra casa
Do barriga inxada.

A PEDIDO.

Consta-nos que o Batalhão 1.^o do artilharia vac ao Sul do Imperio em commissão do governo. Não podemos deixar de applaudir a escolha.

O digno cidadão que o commanda inspira a mais plena *confiança* por sua *aptidão e pericia*.

—Não sei como a policia, que anda tão esgalgada por gente para recrutar, ainda não se lembrou de filar um tropiante, especie de pé leve, que anda a encher de pernas, as ruas da cidade baixa *cerrando* copos de cerveja e fumando charutos de gauderio, sem officio nem beneficio.

—Esses signaes não são bastantes para o melro ser conhecido e grudado.

—Não tem mais do que ficar alli pelas immediações da Phenix, aonde o *Manuel Pereira* costuma ir e quando virem passar um cujo a quem chamem *Souza*, é esse o magano.

—Bem, vou levar as informações ao tenente Jayme, para ver se dá com elle na ganga.

—Aspirante.

—Prompto.

—Va buscar o proprietario da *Estalagem das Nações* á minha presença.

—Eil-o, capitão.

—Sr, *Janico*, mandei-o buscar para saber como é que V. maltratou grosseiramente a uma creança, seu caixeiro, e por fim sonegou-lhe o ordenado.

—Era um emproado e malcreado, capitão.

—Qual emproado! O menino não servia, despedisse-o; mas não o mandasse fazer serviços improprios da idade e condição de uma creança, muito mais quando esses serviços eram de costume serem feitos pelos escravos da casa

—Fei por castigo.

—V. não é mentor da mocidade, é um simples director d'uma academia de sciencias culinarias, um fornecedor de iguarias ás panças, esfaimadas.

E o salario do menino tambem ficou com elle por castigo? Isso é balda de trapaceiro.

—Pela insolencia do biltre.

—Dê o dinheiro do menino e deixe-se de cousas, que assim é que muita gente tem caixeiro de graça.

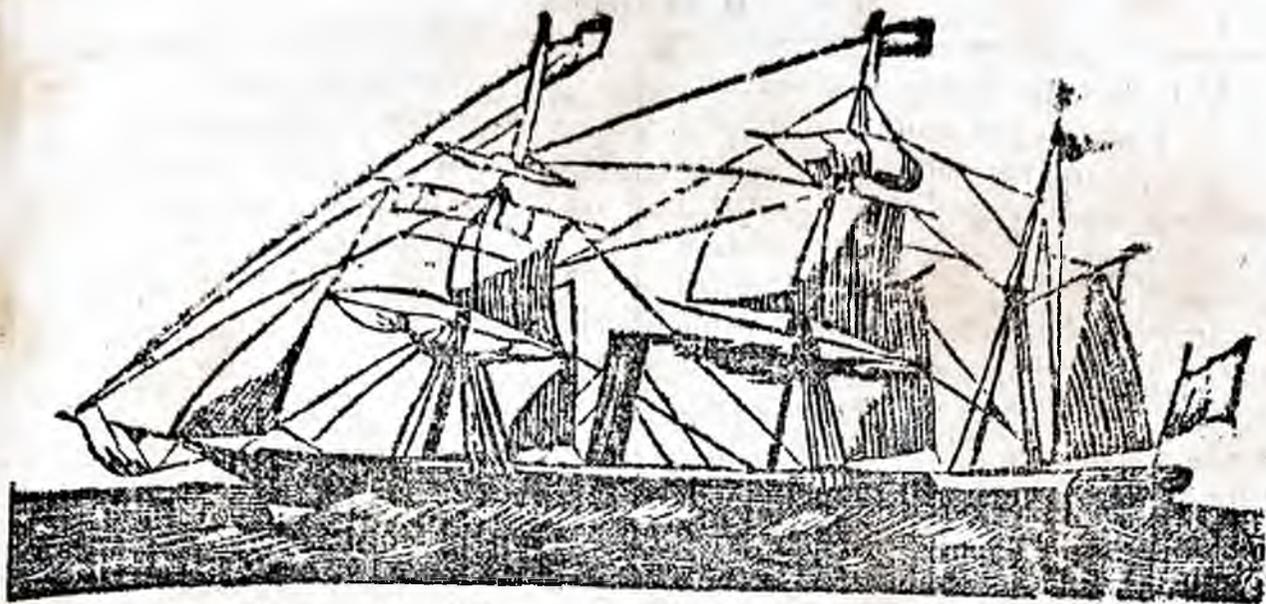
Retire-se.

—A's suas ordens.

VARIÉDADE.

Certo principe escolheu para seu bibliothecario um sugeito muito ignorante. Sabendo disto certa senhora do espirito—disse, em alusão a isto, que era um serralho guardado por um eunuco.

Certo doutor, tendo accusado a mulher de infidelidade, metten-a em um convento, e trouxe para casa uma mulher do mundo. Sabendo-se disto, disse um fallador com certa graça;—Ella por ella, o doutor teria obrado melhor em conservar a que tinha.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

18 DE JANEIRO DE 1868.

SERIE 32.—N. 312.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 4.º andar, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando for folha dobrada.

O ALABAMA.

Este é o segundo numero da serie 32.ª do *Alabama*.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de janeiro de 1868.

Officio ao Exm. Sr. presidente da provincia, invocando sua attenção para a despotica oppressão que está soffrendo o povo da ilha de Maré com o recrutamento.

As casas alli são arrombadas e violadas á qualquer hora da noite.

A ilha tem sido cercada por diversas vezes e nessas occasiões as mais revoltantes arbitrariedades se tom dado, a par de consternadoras scenas. Os homens dados á vida da pesca abandonam suas canoas á mercê das ondas e internam-se nos mattos.

Confrange ver as mulheres e meninos prantarem seus paes e maridos, arrancados violentamente, alta noite, de suas casas.

Tem-se dado caso de levar a ilha tres e quatro dias cercada, produzindo isso

a mais aterradora desolação na população.

O ultimo cerco, nem a authoridade local teve sciencia d'elle e foi effectuado ás duas horas da noite, sobre-saltando a população.

Estos actos de rigorismo praticados em uma freguezia, cuja povoação é limitadissima, tanto que dá apenas quatro eleitores, são para tornal-a completamente deserta!

Espera-se que S. Ex. mande sustar tão vexatorio recrutamento com que se está atropellando aquelle povo, que ja tem dado mais do que pode.

—Aos Illms. Srs. gerentes da companhia de Vehiculos, ponderando-lhes quanto desdouro vae á suas honradas palavras, mandando apregoar pela imprensa e por cartazes uma couisa e praticando com estranhavel surpresa outra.

Quem embarca-se n'uma diligencia, vê nella afixada uma tabella que diz preço 320 rs.—entretanto que passa pela decepção do caixeiro cobrar-lhe 500 rs. em qualquer dia util em que haja mais concurrencia, como quinta feira da lavagem, etc.

Alem do notavel prejuizo que resulta as pessoas que moram daquelles lados e que são obrigadas a quotidianamente virem á cidade, torna-so isso uma falta de fé para com o publico, o não sendo de suppor que cavalheiros distinctos e altamente collocados, como são Ss. Ss., tenham proposito de illudir o povo, sendo antes de crer que provenha isso do algum leve descuido. Espera-se que Ss. Ss. não se esquivarão a promptamente remediar semelhante mal.

—Ao Illm. Sr. thesoureiro do Senhor do Bomfim, pedindo a sua intervenção para que nos dias das festas, que vão ter lugar nessa capella, não subam ao largo carros e cavallos a fim de evitar algum sinistro, como ia succedendo na quinta feira, em que um carro quase mata uma creança.

—Nem o templo de Senhor escapa a suribunda gana dos recrutadores!

—Mas V. o que quer? a *terminação da guerra depende de mais um esforço que faça o paiz de cinco mil de seus dilectos filhos.*

—Pois até nos corredores da capella do Senhor do Bomfim na occasião em que o povo concorre a novena?

—Isso é uma cousa tão natural como qualquer outra.

—E eu se não vivesse, ate hoje quarta feira 15 de janeiro, não presenciava mais esse desacato á casa de Deus.

—..... mais um exemplo e acto heroico do *velho* patriotismo da Bahia.

—E' algum epigramma?

—Não; são palavras do *Diario*.

—Ab! percebo... tão velho que de cansado para dar de si é preciso ser puxado a corda o açulado a cões.

—Viu a lavagem?

—Antes lá não fosse.

—E porque?

—Alem de não ver nada que agradasse, vim massado com o recrutamento.

—E recrutou-se por lá?

—A grande; até quando aprouve ao Sr. Azambuja mandar sustar o recrutamento, quando o povo aterrado já se tinha retirado.

—Que voracidade! Até no dia em que o povo concorre a uma festividade tradicional, é traiçoeiramente presa das unhas dos galfarros policiaos!

LA VAE VERSO.

Os dous vizinhos.

Dialogo poetico entre o mestre sapateiro Zacharias e o Tobias ferreiro.

Zac. — Meu vizinho, este meu filho Não sei em que hei de empregar, Porque sou pobre, e não tenho Dinheiro para o formar.

Não quero que elle se empregue No officio de sapateiro, Que alem de não ser bonito Dá hoje pouco dinheiro,

Si os sapatos estrangeiros Para cá se não trouxessem, A nossa gente usaria Dos que por cá se fizessem.

E então o nosso officio Subiria á perfeição, É o lucro do feitio Ficava na nossa mão.

E assim, meu bom filhinho, Não sei a que destinar, Porque elle ja tem idade Tambem deseja ganhar.

Eu quiz ver si no commercio Elle seria feliz, Disseram-me que não prestava Por ser filho do paiz.

Que os rapazes lá do Reino E' que são bons p'ra caixeiros, Porque gostam de andar sujos E sabem ganhar dinheiro.

Tob. — Pois consiste o ser caixeiro Em gostar de sugidade! Eu julgo — que em ser fiel E ter sempre agilidade.

Zac. — Mais dizem que os nossos moços Querem logo namorar, Querem ter casaca fina, Cavallo p'ra passear.

De sorte que puz-me logo
Com outra resolução,
Porque vi que no commercio
Não lhe dava arrumação.

Quiz dar-lhe um emprego publico,
Qu'elle escreve bom papeis:
Mas como, si quantos vagam
São poucos p'ra os bachareis!!

Tob. — Amigo, tome um conselho,
Forme seu filho em doutor,
Que hoje em dia é um officio
De gosto e muito valor.

Quem frequentar cinco annos
Os bancos da academia,
Sem mesmo nada saber
Tem p'ra tudo primazia.

Zac. — Mas, amigo, estou com medo
Não tenha arrependimento,
Não fique elle atrapalhado
Entré alguns que de talento?!

Tob. — Visinho, deixe-se disto,
O rapaz está bem bom,
Por elle ser mesmo burro
E' que eu o acho no tom.

Que importa não saber nada?
Ha tanto deutor formado:
Peça umas cartas de emp' nho,
Qu'elle vai logo approvedo.

Assim que tiver a carta
Sta p'ra tudo habilitado,
Si não tiver logo emprego
Caballe p'ra deputado.

Recommendo qu'entre os outros
Elle esteja sempre mudo,
Porque logo todos dizem
Qu'è rapaz de muito estudo.

Que esteja sempre sentado
Olhando muito apurado,
Depois que todos fallarem
Solte sempre um apoiado.

E si elle lá na côrte
Não for um desengraçado,
Pode estar em pouco tempo
Feito ministro d'estado.

Zac. — Vou tomar o seu conselho
Que é famosa opinião,
Si p'ra nada lhe servir
Sempre lhe fica o brazão.

E o brazão de ser doutor
E' doto mui singular,
Quando vêm rapaz formado
Toda moça quer casar.

(Extr.)

A PEDIDO.

(Conclusão.)

— Não vês como estou magra, não vês
que ja não tenho côres nas faces?

— E' verdade, I., que foi que
te aconteceu?

— Uma cousa terrivel . . . aquelle per-
fido official, a quem eu tanto queria,
que julgava tão sincero . . . ah! A . . .
abuzou da minha credulidade e . . . e . . .

— Que dizes? . . .

— Sim, é a verdade: o agora, minha
amiga, leva a remetter-me beberagens
pilulas e etc., que devem dar morte à
meu filho . . . Não . . . jamais o farei . . .

— E não tens A, alguma tia
que se compadeça de ti, em cuja faser-
da tu vas tomar leite e refresco? Assim
é que se costuma faser em casos taes.

— E' verdade minha amiga . . . mas
como declarar-me, como sahir-me d'este
te embaraço?

— E elle, A, o que faz?

— O que faz? ri-so, e procura sedu-
zir outra talvez. Logo que soube o meu
estado, nem mais pela rua passou. Tu-
do aquillo era fingimento.

— Os homens! os homens!

— Eu não me queixo d'elles, minha
amiga; nós, é que somos muito credu-
las, e muito tolas.

— E' verdade, A

— Si o visses I, cahido a meus
pés, dizendo que comigo se cazava, que
era só meu e de mais ninguem . . . Bem
sabes que estas couzas fazem força no
coração . . . — Qual é a moça, que re-
cebendo todos os dias provas de amiza-
de de um rapaz de quem gosta, não se
deixa enganar, e não cahe no que eu
cahi? Agora porem o que me resta?

— Faze o que te disse, vai para casa
de tua tia D. Joanna; e depois tudo se
arranjará . . . tua mãe sempre é mãe, o
achará desculpa, e eu te guardo o se-
greto.

— E eu o teu . . . ali vem gente, minha amiga . . .

— Separemos-nos.

Sr. Redactor. — Lemos no seu numero 302. um officio dirigido a S. Ex. o Sr. presidente da provincia, relativo ao matadouro publico, tratando sobre a exclusão dos brasileiros alli empregados no serviço da capatazia, e a decidida preferencia que se dá aos africanos libertos e escravos, com total prejuizo dos nacionaes.

Brasileiros, como somos, não podemos deixar de deplorar uma tal miseria, ainda mais quando não vimos providencias dadas a respeito por S. Ex.

Não sirva de cavallo de batalha o dizer-se que o serviço da guarda nacional impede ou embaraça aos brasileiros servirem de magarefes, não; por que alli sempre houve um numero superior para na falta de uns servirem outros, e quando assim não fosse, cumpria a S. Ex. o dispensar do serviço da guarda nacional áquelles que o fossem, porque si os guardas nacionaes, que marcham para a guerra ficam dispensados do serviço da mesma, tambem devem ser dispensados aquelles, pois que hoje quasi todos os brasileiros são sobrecarregados do onus das familias daquelles que marcham para a guerra. S. Ex. deve saber que um governo é um bom chefe de familia, que só deve olhar para seus filhos com justiça e humanidade, e creio que não pensará que só deverá prodigalisar bondade, grandeza, empregos, honras e titulos aos magnatas que o rodeiam; pois estes vivem em total grandeza, abundancia e alegria, sonhando apenas com as venturas, ao tempo que o povo sonha com a miseria, com a desgraça, com a fome, e ainda com a guerra.

O homem do povo.

A' POLICIA

Pergunta-se qual o motivo porque estando se recrutando sem consideração a quem tem isenção legal, não se manda agarrar a um sujeito que, fin-

gindo ter um procedimento *candido* e puro, é um receptaculo do vicio e *chagas* immoraes.

Esse malandro tem todas as condições para um excellente recruta: com 26 annos, sem officio, verdadeiro rei de policia, sua occupação é andar pelo Papagaio trocando as pernas em escandaloso pestanejo com sua bella *Ailama*, moradora nesse sitio; prohibindo que as familias cheguem por alli á janella por causa de sua demasiada e insolente immoralidade com a cuja.

A policia, pois, que abra o olho vá a pista do sujeito que o pilha.

O Gaz.

— Vamos a advinhação do *curro-curro*.

— *Curro curro?*

— Nós entramos.

— Quantos são?

— Tres.

— Quaes são?

— *Az quevedo, Serge e Mello*

— Com quanto?

— O Pedro que diga.

— Responda, Sr. Pedro.

— O *estipendio* está convencionado Sr. Soares.

.....
— Todos comem palha o tudo está em saber dal-a!

— O Serge tem dedos para isso.

— Suas façanhas o attestam.

(Continua)

VARIEDADE.

VIVEZA DE UM IRLANDEZ.

Em uma estação do caminho de ferro de Inglaterra via-se um cartaz com a advertencia «Não fume», collocado sobre um lampeão de azeite.

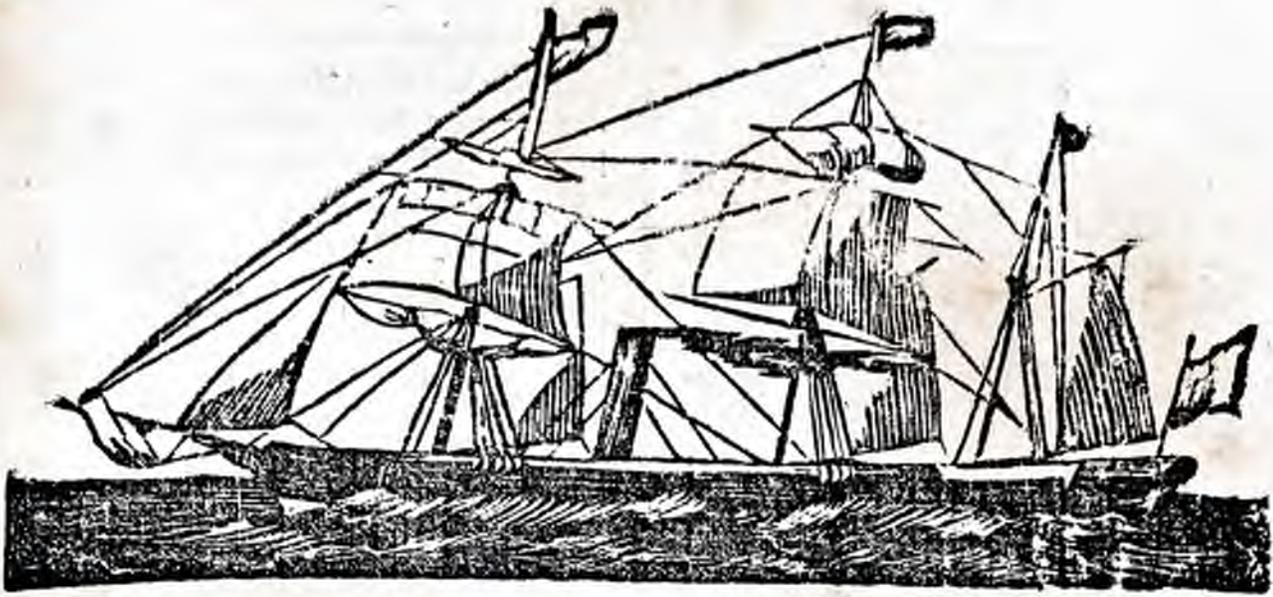
Appareceram dous irlandezes, um dos quaes fumava.

— Mister, diz o outro, estás transgredindo o regulamento do estabelecimento.

— Como? disse o fumante.

— Pois você não vê alli? — não fume.

Sim tolcirão, mas não vês que a advertencia é feita ao lampeão?



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

22 DE JANEIRO DE 1868.

SERIE 32.—N. 313.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 4.º andar, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fôr folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de janeiro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. provedor da Casa da Santa Misericordia, pedindo-lhe providencias para que sejam immediatamente fechadas as portas de uma propriedade deshabitada, pertencente a esse pio estabelecimento, aos Coqueiros d'Agua de Meninos, a qual serve de valhacontu a vadios e capadocios, que fazem dalli aposento á noite e onde quem quer vae dar pasto a sua edacidade libidinosa.

—Está decidido que as festas do Bomfim são aziagas para a companhia Bahiana.

—Parece que ha alguma caveira de burro encantada, que nestes dias quebra o encanto.

—No domingo andou o povo as quedas na ponte do Bomfim, que parece queria dar com tudo n'agaa salgada: houveram pernas torcidas, beijos

quebrados, senhoras machucadas, vestidos rotos e as familias na cidade assustadas pelos seus, que andavam por lá se divertindo.

—Si eu fosse o gerente ia me benzer n'um sabbado na Piedade.

—Como, si o homem é protestante?

—O *executor* da justiça em *Abre antes* foi chamado a capital.

—Sem duvida para promover a aquisição de voluntarios.

—E' o que V. pensa!

—Então para que?

—Em certas questões de *amigos* é preciso que o órgão publico saiba como se deve guiar.

—Sim... estas cousas que tornam a independencia do poder judiciario uma realidade.

—Que contraste! No meio da opulencia, a miseria descarnada, hedionda em todo seu horror!

—Não ha quem se compunja de tão degradante espetaculo!

—As authoridades é quo deviam prever aquillo.

Quem acreditará que pelas ruas da

cidade baixa da Bahia, centro do commercio, vagueia uma mulher louca, em estado de nudez, cobrindo o corpo com um simples paletot sacco?

— Todos os que tem olhos para ver.

— E' verdade que a infeliz com suas cantarolas desafia a curiosidade de todos; porem ninguem só condoe de sua miseria.

— Viva o progresso deste paiz de liberdade á turca!

— Que viu que está tão entusiasmado?

— Vendo aquelle individuo, que desembarcou escoltado na ponte dos vapores, não pude deixar de applaudir a maneira por que se respeitam as immunidades individuaes nesta terra de instituições liberrimas.

— Conhece-o?

— Muito. E' proprietario e fazendeiro no Sobradinho, districto da Feira de Sant'Anna; chama-se Manuel Paulo de Faria.

— E veiu recrutado?

— Dizem que por não querer dar um escravo para a guerra, como lhe foi exigido.

— Não creio; isso seria o requinte da protervia e safatez.

— E' o que estão dizendo alli na ponte.

O que é certo é que fazem vinte dias que morreu-lhe o pae, ficando elle á cargo de toda gerencia do casal e tratando do inventario. Si um homem nestas condicções está no caso de ser recrutado.

— Elle não estaria si fosse peito largo de algum figurão ou trabalhador gratuito de algum subdelegado da roça.

— Que papalvo!

Entupir as algibeiras com um volume de papel, como si elles garantissem alguma cousa, neste periodo que atravessamos!

— Quem é aquelle sujeito?

— E' Aurelio Carlos de Farias, ex-praça de cavallaria de linha.

Deu um substituto por si para servir na tropa; depois assentou praça de

voluntario no batalhão do Galvão e marchou para o Sul, donde voltou julgado incapaz para o serviço militar.

Com esses predicados julgou-se isempto da *leva* e foi a lavagem do Bomfim, porem os cães de fila do recrutamento, que não *olham cara*, passaram-lhe as garras e lá vae elle se rebolindo.

— Deviam attender aos papeis que o homem mostrou.

— Isso é lá no forte de S. Pedro.

— E' um cravo! Chispar a pé do Bomfim ate o forte de S. Pedro, sem vontade, quando aqui mesmo deslindava-se a cousa.

— A caminhada não é nada; os dias que elle tem de chimparr no cagarrão é que é a cousa.

— Que pertinacia!

Isso é proposito decidido de contranger a liberdade individual, prender um homem que anda munido de garantias.

— As noticias da guerra publicadas nos jornaes da côrte e daqui são desconchavadas e contradictorias.

Os exercitos alliados, apezar de *animados do melhor espirito*, eram sorprendidos a cada passo e o marquez de Caxias estava *um tanto desgostoso e com sobrada razão*. *Uma guarda avançada brasileira deixou-se surpreender*.

Cartas da esquadra confirmam o *facto de haver sido sorprendido o batalhão nosso, em Tuyu-Cué, no dia 26*, mas sem perdas importantes; comquanto outra carta diga que *no dia 27 pelas 2 horas da madrugada, uma força inimiga de 1,600 homens atacou de surpresa em Tuyu-Cué o nosso 30 de voluntarios e encontrando TUDO DESPREVENIDO*, carregou quasi uma companhia inteira.

A epidemia do cholera, que nunca nos deixou definitivamente, continua a fazer seus estragos; não ha navio onde ella não tenha feito uma ou mais visitas mensalmente; entretanto o estado sanitario da esquadra era *excellente*.

Lopez está desesperado e nos ultimos recursos, ao tempo que está formando

um grande acampamento ontrincheirado á foz do Tebiquary, para onde leva grossas peças tiradas d'Assumpção, afim de oppor alli nova resistencia e tão tenaz como a de Humaytá.

—Seja o que for; o caso é que ainda não podemos render aquelle exercito de velhos e creanças.

O que faz o ministerio.

O Sr. Zacharias intriga e corrompe.

O Sr. Sá e Albuquerque pentea-se e namora.

O Sr. Paranaguá dorme e vac ao beija-mão.

O Sr. Fernandes Torres nada faz.

O Sr. Martim Francisco come e bebe.

O Sr. Affonso Celso empalma e enriquece-se.

O Sr. Dantas inveja a habilidade dos seis.

E todos juntos fazem a desgraça do paiz.

AS SENHORAS.

As senhoras devem ser como o sol, por que aquece e dá vida; porem não devem ser como o sol, porque se notam nelle mil manchas. As senhoras devem se parecer com a lua, porque é companheira inseparavel da terra; porem não se devem parecer com a lua, por que faz no miz trinta caras. As senhoras devem ser como as estrellas, por que brilham mais que diamante; porem não devem sêr como as estrellas, por que so de noite é que apparecem. As senhoras devem ser como os balões aerostaticos, porque sempre se elevam para o céu; porem não devem ser como os balões aerostaticos, por que se lhes não pode dar direcção. As senhoras devem ser como as obreias, porque servem para guardar os segredos; porem não devem ser como as obreias, porque andam nas linguas do mundo. As senhoras devem ser como as harpas, porque são o symbolo e o emblema da harmonia; porem não devem ser como as harpas, por que a cada momento se desafinam. As senhoras devem ser como o vidro, porque nada que tem encobre; porem não devem ser como o

vidro, porque é de natureza mui fragil. As senhoras devem ser como os espelhos, porque dizem sempre a verdade; porem não devem ser como os espelhos, porque nem todas as verdades se dizem. As senhoras devem ser como a areia, porque é subtil e mui fina; porem não devem ser como a areia, porque não deve servir de base para edificio duravel. As senhoras devem se parecer com o vinho, porque é todo cheio de espirito; porem não devem se parecer com o vinho, porque tira o juizo da gente.

As senhoras devem ler o *Alabama*, porque as diverte, aconselha e ensina o caminho da virtude; porem não devem ler o *Alabama*, porque ficam morrendo de amores pelo capitão.

O CAIXEIRO.

O vós, que celebraes em prosa o verso, envenenadores, piratas, contrabandistas, politicos e pelotiqueiros, emudecei que eu vou fallar-vos do caixeiro.

O caixeiro é o ente mais importante que se conhece, deixando mesmo de parte essa utilidade, que, por tão conhecida, dispensa commentarios.

Si vos disserem que o medico e o confessor são os que melhor conhecem as baldas humanas, enganam-vos. E' o caixeiro.

Quereis saber si um capitalista tem fundos, si um ministro ou alto funcionario desempenha bem suas funcções, ou si qualquer honrado negociante empenha ao jogo as joias da mulher?

Perguntai ao caixeiro, que elle vol-o dirá.

Quereis saber si a moça do sobrado fronteiro já entregou seu coração?

Não pergunteis á mãe, á irman, á amiga, á ella mesma, que talvez o não saibam. Perguntai-o ao caixeiro da taberna mais proxima, e sereis satisfeitos.

E' porque o caixeiro é como o diabo, acha-se em toda parte. Acha-se logo ao nascimento, com os morins e baci-nhas debaixo do braço; no baptisado, no casamento, e enfim na morte, indagando já quem será o herdeiro.

Elle entra nos conventos de frades;

indroduz-se nos das freiras; vao aos quarteis o calabouços o penetra até a sala do costura da mais recatada familia.

O caixeiro sabo de todos, tanto quanto sabo cada qual de si mesmo, ou ainda mais, porque elle conversa com a mucama e com o molequo, testemunhas de todos os nossos actos, dos quaes si alguns nos esquecem, a elles não.

O caixeiro é uma especie do alviçareiro, elle nos felicita por nossas honranças, por nossas honras sociaes e triumphos amatorios. E' tambem um desmancha-prazeres, quo no meio dos banquetes vem com o seu: — Meu amo manda saber si paga ou não aquella continha.

O caixeiro aperta a mão do grande, principalmente quando este se desculpa que não tem dinheiro, colhe sorrisos das mais bellas damas nos dias de procissão, quando lhes offerece cadeira, ou traz o copo com agua.

O caixeiro é um novo Tantaló, recebe, dá conta e mexe com dinheiro, mas anda sempre «onçado.»

O caixeiro é mais do que o principe, é rei e imperador... nos bailes mascarados.

Os sonhos de ouro do caixeiro são: a sorte grande, o fechamento das portas, uma conversa *lête a lête* com a modista que tem de olho, e d'algum mais ambicioso — o casamento e a sociedade.

O caixeiro descrê dos céus o do amor; mas entra no paraiso e dobra o joelho adiante de qualquer dama das ilhas que lá encontra.

O caixeiro é feliz quando tem a roupa do corpo e tem outra para mudar, dez tostões e dous charutos no bolso, e sabe que no domingo vao passear. E' infeliz quando recebe uma nota falsa, ou sabe que o patrão lhe reserva massada para o domingo.

A livraria do caixeiro são alguns livros de poesias e jornaes litterarios, por que estão cheios de letras. Si for socio de algum gabinete tambem lê Paulo do Kok.

O caixeiro é maldizente, inimigo dos

padres, mas caritativo, franco, jovial e patriota.

O caixeiro ou fica amo e torna-se paco e barrigudo, ou é sempre caixeiro e morre physico no corpo e na bolsa.

Este meu caixeiro, tirei-o do geral dos caixeiros.

Agora os mil o um escriptores que por ahí formigam, que pintem o caixeiro do botequim, do venda, etc. o terão o quo dizer.

LA VAE VERSO.

Carta do Capitão do «Alabama» a seu correspondente na corte, o Patusco

(Continuação.)

— Anda por cá *intimando*
De carinha mui lampreira
O insigne olho vivo
Chamado Xico Carteira.

Admira que a policia
Que na pesca é tão sagaz,
De recrutas para guerra
Deixe este em santa paz.

No Bomfim inda domingo
Andou fazendo das suas,
E mais de um inexperto
Ficou de algibeiras nuas..

Quem vê aquelle gatunno,
Que impavido ostentando
Anda luxo não commum
E por *cousa* vae passando,

Mal pensará que elle é
Um larapio atrevido,
Que põe um bolso vasio
Sem que seja presentido.

— De S. Raymundo o *abrigo*,
Diz o *Jornal da Bahia*
Lhe constar por agoa abaixo
Ir tudo á revelia.

Tem havido escaramuças
Brigas, cabeças rachadas,
Indecencias que não devem
Serem alli practicadas.

Houve até uma *abrigada*,
Não sei si por achacada,
Que dalli se retirando
Ficou de barriga inchada.

— Apezar de adoentado,
 A lavagem não perdi,
 Por isso lhe contarei
 Tudo quanto por lá vi.
 Este anno a função
 Esteve um tanto fria;
 Isso attesta que bem gonto.
 Serios desgostos nutria
 Vi muita rapazeada,
 Que da calçada voltava,
 Por causa do pega-pega
 Tremebundo como estava.
 Depois que amedrontado.
 Poz-se o povo no alteio,
 Mandou-se parar a ganga
 Para desfazer o receio,
 Mas, apezar dos pezares,
 Já sabe, a passaralhada,
 Não faltou, salvo uma ou outra
 Por andar atrapalhada.
 Em resumo lhe direi:
 As conclusões foram taes,
 Que havendo falta de homens
 Houve mulheres de mais.
 Stou de corpo amortecido
 Tão molle como mingau,
 Tenho o peito adocicado
 Qual favo de mel de pau,
 «Qual será o coração
 «Que por mais empedernido
 «Mirando aquelle painel
 «Não se sinta derretido.
 «Haverá peito tão duro
 «E capaz de supportar
 «Os medeixes da creoula
 «Sem de prazer se babar?
 «Quem pode ver impassivel
 «A cabrinha delicada
 «Mostrando mimosa perna
 «Roliça e bem torneada?
 «Quanto thesouro *occulto*
 «Apparece neste dia!
 «Primores da natureza
 «Que tem suprema valia.
 Por isso eu um homem serio
 A patacoadas alheio,
 Vi-me irresistivelmente
 Da patuscada no meio
 (Continúa)

A PEDIDO.

— Isto é quo é o fazer, meu charo Sr. Arnaldo. Gosto de ver um rapaz *gentil* como o Sr., que não é tolo para si.

— Mas si eu não fiz nada?

— Ande lá! Faz muito bem de seguir o preceito de que a gente *servir-se* a si proprio não é defeito.

— Estou em jejum a respeito de tudo que tem dito.

— Como é bichinho de coco! Os sup-
 plentes com V. eram quatorze; V. teve
 quatorze votos. ergo?

— Meu rico, em eleições o voto com
 que a gente mais conta é com o seu
 proprio.

— Sr. *geral*, o Sr. pode fazer favores
 com prejuizo da Illma.?

— Não tenho que lhe dar satisfação.

— Pois ha de dal-as ao muxingueiro
 a seu tempo.

— O Sr., que deve ser um mero exe-
 cutor das deliberações da Illma., torna-
 se para uns advogado e para outros ac-
 cusador.

No dia 10 serviu o Sr. proprio de
 empenho para que o capitão *Redemptor*
 soltasse dous animaes que tinha ap-
 prendido, somente porque eram do
Jacinto e o *José de Souza* lhe foi pedir.

— Por força hei de servir aos homens
 para achar quem me sirva quando pre-
 cisar.

— Sendo o primeiro a concorrer para
 a infracção das leis que tem obrigação
 de executar e causando prejuizo as
 rendas da Illma., que lhe paga para
 zelar de seus interesses.

CARTA DE NAMORO

achada na freguezia de Brotas.

Senhora.—A, muito que deveis ter
 conhessido o amor que o meu pobre
 coração vos consagra!

Lembraivos, que não iziste neste
 mundo, Theatro de lagrimas, e paixões!
 quem vos ame, mais que eu!! os Sor-
 rizados deixados fujir desses vossos lin-
 dos, labios, me tem mostrado um sec-

uro brilhante, o rizonho! paixão que por vós tenho me vai relando o peito! Crêdo Senhora que vos amo mais do que o cêgo pode amar alus! do que o pescripto pode amar apatria! e do que o prezo pode amar aliberdade!!!

Entondo que é bastante isto que digo para uma donzella pura como o Sorrir dos anjos!!!

Sou Senhora com toda a estima, e afeição...

Vosso Escravo.

O ARTISTA NACIONAL.

Por que choram meus filhinhos?
Que dor cruel os consome?
Ai! que me falta o trabalho
Para martar-lhes a fome!

Choremos, filhos, de novo!
E' esta a sorte do Povo!

Meu braço é forte e robusto;
Meu coração altaneiro;
Quero empregar-me, e não posso,
Porque nasci brasileiro...

Choremos, filhos, de novo!
E' esta a sorte do Povo!

Quando ha guerra, a nossa espada
Louros de gloria conquista;
Depois sorri-se o malvado
Das dores do pobre artista!

Choremos, filhos, de novo!
E' esta a sorte do Povo!

Do Brasil toda a riqueza
Está nas mãos do estrangeiro;
Eu vou pedir uma esmolla,
Porque nasci brasileiro!...

Choremos, filhos, de novo!
E' esta a sorte do Povo!

VARIEDADE.

LOGAR MAL ASSOMBRADO.

I.

N'uma casinha isolada,
Perto de um bosque frondoso,
Vivia pobre mulher
Com seu filhinho formoso.
Era um menino tão manso
Como um cordeiro mimoso.
De noite, á luz das estrellas,
Ella cantava chorando,
O lindo filho dormia

N'um berço se embalaçando,
E a fontesinha corria,
A cantiga acompanhando.
Eram passados seis mezes
Que seu marido morreu!
A pobre sem ter amparo
Cheia de queixas gemeu,
E o seu gemido de dor
Junto ao bosque se perdeu.

II.

Uma noite, um peregrino
Bateu-lhe á porta—pausado,
Abriu-lhe a triste e lhe disse:
Entrae n'um mau galhado,
Si muitas legoas andastes
Deveis estar bem cansado.

Entrou tremendo de frio,
Foi sentar-se no fogão,
Deitou de um lado seu fardo,
Deitou tambem seu bordão,
E suspirou tão magoado
Que cortava o coração.

O pequenino no berço
Em seu somno solta um ai,
Volve-se afflicto tres vezes,
Tres vezes chama—papai!
Diz á mãe o peregrino:
«Vosso filho acalenta.»

III.

Horas mortas—pouco a pouco
O forasteiro cresceu,
Foi direito ao pobre leito,
Onde a triste adormeceu,
E lhe beijando os cabellos
A mulher estremeceu.

Abriu seus olhos—tremendo,
Suando a pobre gritou,
Sorriu-se o negro phantasma
Com rouca voz lhe fallou:
—Sou teu marido!—Meu Deus!
—Vens tu comigo?—Si vou!

E o pequenino no berço
Soltou em m goas um ai!
Volveu-se afflicto tres vezes,
Tres vezes chamou—papai!
E o pai correndo beijou-o
Dizendo—filho, calai.

IV.

Quando rompeu a alvorada
Bem cedinho no outro dia,
Sobre o leito a desgraçada
O somno eterno dormia,
No berço—morto o menino,
Tinha um riso de alegria!

De então p'ra cá viaudante
 Alli não pôde passar,
 A terra è mal assombrada,
 Faz a gente se aterrar,
 Ouvem-se tristes cantigas,
 Quando é noite de luar!
 Vê-se o berço que balança
 Um lindo anjinho chorando,
 Uma mulher de joelhos—
 Que vai sentida cantando,
 E n'um cepo ao pé do fogo
 Um peregrino scismando!

UM PAPAGA' O.

—Um papagaio de bem! Outro dia em Paris, foi sentar-se uma mulher com um papagaio no banco do boulevard Sebastopol, defronte do fundo do do coro da egreja Saint-Leu, e, tirando da algibeira nozes, avelães e outras golozeimas deste genero, poz-se a dar-lhas. O papagaio dizia de vez em quando:

—Obrigado minha dona.

Ajuntou-se logo a roda da mulher e do papagaio muita gente e elle principiou a papagucar nestes termos:

—Sucias do basbaques!

Riso prolongado da multidão ia engrossando a cada momento.

—Sucia de mandriões!

‡ E os espectadores riam a bom rir.

—Sucia de tolos!

Os curiosos principiam a afastar-se

—Sucia de larapios...olha, olha um larapio alli.

E ou fosse por acaso ou por instincto, o papagaio saltou de cima dos joelhos da dona para os hombros de um curioso que tinha as mãos mettidas na algibeira de um dos seus vizinhos.

Um agente de policia, que chegou naquella occasião para dispersar o ajuntamento apanhou o larapio em flagrante delicto, graças á engraçada ave, e levou-o para a cadeia.

Um sujeito disse a uma senhora que se lamentava por não ter filho algum depois de muitos annos de casamento:

—Talvez que a sua esterelidade ja seja de raça; quem sabe si a senhora sua mãe nunca teve filhos?

Um padre perguntou um dia a um roceiro si Jesus Christo era Deus como seu Divino pae.

—Não por ora, respondeu elle, mas por morte do pae é natural que elle herde o titulo.

NOTICIAS

Asiaticas e africanas, tão fidedignas como muitas das com que as mais bem conceituadas folhas politicas no velho e novo mundo as vezes regalam seus curiosos e credulos leitores de ambos os sexos.

A verdade parece-se as vezes com a mentira.

(O fidedignissimo relator.)

DESCOBERTA THERAPEUTICA

O archiatro (medico-mór da camara) de S. M. el regulo preto da Nigricia (no interior da Africa) *Simsimsinsi* CXX, publicou uma mui profunda e interessante obra em quarto de 53 tomos, cada um de 1.500 paginas, que recommendamos á attenção dos respeitaveis leitores desta gazeta, e pela qual evidentemente e d'uma maneira tão clara e popular, que facilmente pode ser entendida de pessoas totalmente estranhas, como nós, a arte hippocratica, demonstra e verifica com 1,000,000,000 de emplificações, que o unico mais *infallivel* remedio contra a epidemia, chamada *febre erotica* ou *amor*, que desde tempos os mais remotos grassa debaixo de todas as latitudes e longitudes entre ambos os sexos, desde a idade de 14 ou 15 annos até á de 30 as vezes 33, é o casamento, sem embargo das differentes cerimonia scom que a sacerdotal benção nupcial, segundo os differentes ritos das differentes religiões e seitas que existem na terra, fique lançado sobre os padecentes.

Acaba o 53 volume com estas, para os muitos que soffrem da mencionada febre, animadoras e summamente consolantes palavras: *approbatum est!* (è confirmado a saber: *pela experiencia*,

MAVIOSA CIRCUMSPECÇÃO GOVERNATRIZ

A folha official de Yedo (capital do imperio do Japão) que é impressa não em papel, mas em setim superior cor de roza, com letras de ouro, *Tumg-tun-tim-tu-ha* (o jacaré com a bocca aberta,) de 15 de agosto p. p. publica com extasi philantropico e patriotico um alvará do *Kubo* (autocrata japoncz,) que chama-se a Antonio

Pio do Oriente, pelo qual ordena que os pés sejam cortados de todos os seus filhos e amadíssimos subditos, afim de que nenhum mais receba motivo de queixar-se de *lho apertar o sapato*.

ARCHEOLOGIA

N'uma excavação no Baixo—Egypto, perto da cidade de Cairo, acharam-se 14 pares de chifres de boi, já muito carcomidos; a saber, 7 muito grandes e outros tantos pequenos.

O *nariz*. (prefeito do districto) expoz estas antiguidades ao exame de uma commissão archeologica, composta de um *abba-de* catholico romano, um *rabbino* (dauctor de theologia entre os judeus) e um *derviz* (frade mahometano,) que depois de muitas sabias e profundas investigações unanimemente reconheceram que estes chifres tinham pertencido ás 7 vacas gordas e 7 magras, com que S. M. o Faraó (rei) do Egypto sonhou, ha mais de 3,500 annos, como Moyses refere no Genesis, cap. 41, v. 4—8 e 17—21. Que reliquia preciosissima!—O barão Rothschild em Londres offerece ja por um unico chifre das vacas magras 1 milhão de libras esterlinas, que conforme nosso desesperado cambio importa em pouco mais ou menos 11,600.000\$ reis.

GEGRORAPHIA

Um navegante de *Sching-yang*, capitão da *Mantchovia*, que pertence ao vastissimo imperio da China, fez, ha pouco mais ou menos 2 mezes, a importantissima descoberta d'uma encantadora e fertilissima ilha no Grande Oceano Equinoxial, que chamou *Yungs tsink-zang huye*, que na euphonice lingua d'elle significa *ilha afortunada*, aonde os fructos não tem pevide, nem caroço, e nem tão pouco casca; os quadrupedess aves e peixes não tem ossos, nem as rozas espinhos, e..... sim, e nem as *formosamoças*, *vaidade* nem *falsidade*. Que abençoada ilha!!!

Sentimos indizivelmente que a ainda mais que o *Times*(*) acred. tuda gazet. Ching-yangense o «*Tiung tiung ptuk tiug*» (O inimigo ligadal da mentira) de que temos extrahido esta interessante noticia, sem duvida por um esquecimento, não indica a posição geographica desta felicissima ilha, de maneira que desditosamente não podemos ja visital-a, meuos para regalar-nos com carne, peixes, fructas e odoriferantes rozas, do

(*) *Os Tempos*, folha londrina e a maior, mais lida e uma das mais antigas da Europa.

que para achar uma amabilissima e fiel esposa que seja de mel som fol.

(Continua.)

PHENOMENO

Ha pouco tempo deu-se um phenomeno singular em uma aldeia do cantão de Villa Franca do Rodhano, em França, diz um jornal da localidade. Uma mulher pejada, tendo-se iupressionado com a presença de um preto, acaba de dar á luz uma criança do sexo feminino, que tem metade do corpo branco e outra metade preta! A mesma cara é bipartida de negro e branco, de modo que quem vê a criança de perfil, vê uma negra perfeita de um lado e uma branca do outro. A pezar de tudo, dizem que a criança é bonita, e pelo que toca á saude nada deixa a dezejar. E' singularismo phenomeno, a sor verdade.

Indo uma vez mademoiselle Arnould, que era cantora da opera, fazer uma visita a Mr. de Voltaire, disse lhe este:

—Ah! mademoiselle, tenho 48 annos e já fiz 84 asneiras.

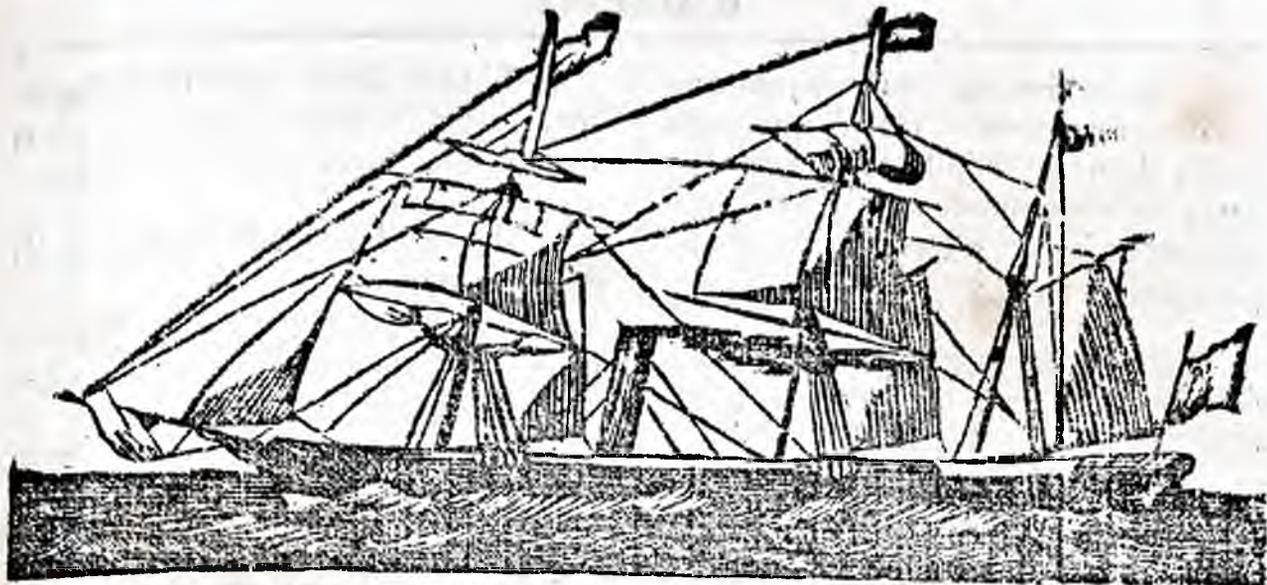
—Grande cousa! exclamou ella pois eu só tenho 40 o já tenho feito mais de mil.

ANNUNCIOS.

Fugiu do abaixo assignado um moleque de nome *Antonio*, filho do *Barros*, baixo, magro, bastante barbado, esbranquiçado, o qual anda constantemente embriagado, passa por tolo, estúpido, provocante e immoral, a ponto de, entrando em uma capelinha, em Ipatagipe, na occasião em que se resava a novena de Nossa Senhora, commetter todas as sortes de depravações, provocando a algumas pessoas com insultos, sem respeitar o lugar em que se achava; e querendo o abaixo assignado prendel-o para dar-lhe o devido ensino, escapolira: consta que anda constantemente por Santa Barbara, na botica do *Manuel* que não vende passarinhos; quem agarral o e leval-o ao abaixo assignado será bem recompensado.

José Filho dos Mattos.

Quem precisar de uma ama para cozinha dirija-se a esta typographia.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

24 DE JANEIRO DE 1868.

SERIE 32.—N. 314.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando for folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 23 de janeiro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, invocando sua attenção, uma vez que S. S. se mostra disposto a cercear certos abusos, para um ebrio insolente de nome Rocha Lima, que vagueia pelas ruas da cidade, offendendo ao decoro publico com palavras e actos indecentes e insultando a todos, subindo sua audacia ao ponto de entrar pelas repartições publicas e alli provocar e perturbar o trabalho, como em dias da semana passada aconteceu n'alfandega, em que elle injuriou e ameaçou a diversos empregados, do que pode S. S. mandar alli se informar.

Alem do mais, é refinado larapio e ja não tem conta as vezes que tem entrado na Correcção.

Houve nesta cidade um vadio, conhecido por yaya Mariquinhas, que era uma offensa permanente a moralidade publica; sua ociosid de dava até para querer transformar o sexo, usando do

trajes de mulher; o Sr. Dr. Freitas Henriques, quando chefe de policia, mandou detel-o na Correcção e Mariquinhas la permaneceu, cessando assim o escandalo, que dava na portaria de S. Francisco e pelas ruas da cidade.

S. S. que mostra tão boas disposições de bem servir o cargo que dignamente lhe está confiado, por certo acolherá ao justo pedido que se lhe faz e livrará o publico de um turbulento atrevido.

—Ao Illm. Sr. superintendente do matadouro publico, perguntando-lhe si é exacto que em dias de dezembro p. p. fora encontrado o africano liberto Macario com o roubo de uma arroba de carne na balança grande, praticado, dizem, á mandado de certo agente trabalhador em prejuizo do boiadeiro e a favor do dito proprietario de talho e agente.

Si é exacto tambem que não foi essa a primeira vez, que tal africano é apanhado com o furto nas mãos e que sendo por isso despedido por S. S., fora de novo admittido a empenhos do mencionado agente.

Pedindo se-lhe semelhantes informa-

ções, não se tem em vista mais do que verificar a verdade do facto, que pode muito bem ser adulterado, mas que corro geralmente como verdadeiro, o que muito desabona o credito dessa repartição.

—Vê aquella mulher que, guiada pela mão de uma menina, vaõ atraz daquelle troço de recrutas?

—E' uma cega.

—Justamente. E assim mesmo sem vista veiu de Geremoabo até aqui.

—Atraz de algum parente sem duvida.

—Acompanhando o filho que a carregava e que foi recrutado.

—Que corações de marmore!

—Amanhan o *Diario* diz que são queixas sem fundamento.

—Ainda assim?

Pois desde a estrada de ferro, onde ella desembarcou, até aqui todos não estão vendo?

—Como é que o *Trovão* disse que o commandante das armas tinha ido para Santo Amaro com o presidente, quando eu o vi na cidade?

—Foi mal informado, talvez.

—E eu interpetro a cousa por outra forma.

—Qual é ella?

—Parece que com tal noticia só houve proposito em offender o homem, porque não só eu o vi, como conheço pessoa que passou a tarde desse dia com elle.

—Não se pode agradar a todos.

—Nem tambem se deve levianamente adulterar os factos.

—Porem ainda que elle fosse a Santo Amaro, disso nenhum dezar lhe vinha, quando, como militar ia cumprir deveres. E portanto dé a cousa como si tal não fôra.

—E' que eu não posso ver injustiças; revolta-me certas inexactidões com o fim somente de insultar a quem por seu regular procedimento está acima de certas cousas.

—Brinquedo da cabra cega.

—Aquillo não é cabra.

—E' uma besta que os moleques amarraram os olhos e que se divertem em espantal a para vel-a escoucear.

—E então?

—Mas o brinquedo chama se da cabra cega.

—Ah! E' pena que a algazarra não convide algum policia a entrar no folguedo

—Pois olhe, daqui do Terreiro ao destacamento da secretaria é bem perto.

—Lê-se no *Jornal da Bahia*:

«*Recrutamento.*— Ignacio Ferreira da Rocha Lima, menor de 16 annos, aprendiz de uma typographia n'esta cidade, não so padece de diversas molestias, que o inhabilitam para o serviço das armas, como conhecidamente idiota; mas a guarda nacional recrutou-o na tarde de 13 do corrente, dando o como contingente do batalhão da Sé, e, sem ser inspeccionado, porque é impossivel que o medico mais ignorante o considerasse apto para o exercito, foi barbara e deshumanamente embarcado na tarde de 15, no vapor que poucos momentos depois partio para o Rio de Janeiro.»

— A publicação de certos actos do governo só serve para provar o pouco caso que se faz da lei nesta terra.

—Eu creio nisso.

—Agarrar um africano e dizer que elle é guarda nacional e como tal des-signal-o para o serviço da guerra, é a maior arbitrariedade, a mais decidida infração da lei, que pode commetter um commandante de batalhão e seus subalternos.

—Entretanto elles praticam essas e outras todos os dias irresponsavelmente.

—De que serve a lei crear conselhos de qualificação para a guarda nacional, si os commandantes tem a alçada, não só de mandar chamar, quando lhes aprouver, qualquer pessoa, como até de ir aos cantos agarrar os africanos do cesto para seus batalhões?

—E apadrinham seus desmandos com as urgencias da guerra!

—Ao menos por simulado acatamento aos preceitos da lei, não se devia mandar para a imprensa despachos da eguala deste:

«Requerimento despachado pela presidencia a 14 de janeiro.

«Amaro José Correia, africano liberto, recrutado pelo 2.º batalhão da guarda nacional, contado como contingente do mesmo batalhão; pedindo a sua soltura. — Foi posto em liberdade.»

—Isto vai n'um mar de rosas!

Hontem vendeu-se no caes a farinha a 10\$ rs a sacca!

—Mais cara hade comel-a so tiver vida.

—V. sabe que os moradores do segundo districto são homens dados a lavoura, carvoeiros, etc., o governo manda para lá um recrutador em desabafo á briga que teve com o barão, faça ideia como vão se tornar as cousas.

—Inda mais essa!

«Arrufam-se os grandes para os pequenos soffrerem!»

A PEDIDO.

—Trabalha o feio para o bonito comer.

—Nem sempre é assim.

—Com quem eu fallo é.

—Mas eu não sei V. com quem falla.

—Com o Dr. Zé Coxo, que ganha 150\$ rs. de gauderio para andar refocilando la por fora, sobre-carregando os collegas da guarnição com o trabalho de inspeccionar os ferros.

—V. tambem é exigente, não quer que o moço tome seu regabose pela festa.

—Mudou de systema Sr. geral?

—Para mostrar a esses linguarudos que carregar não é desdouro.

—Por isso leva Vm. hoje o garrafão e o guarda as duas latas de assucar?

—O Sr. está vendo; e nem por isso deixo de ser quem sou.

—Sem duvida.

—Mas esses detractores da vida allucina, não enten lem assim.

—Porém o que elles censuram é Vm. distrahir um serventuario publico para seus negocios particulares; ou carregando latas de assucar ou garrafão de vinho, a cousa é a mesma.

—Capitão!...

—O que temos?

—Quero lhe contar uma passagem do subdelegado d'Avó de Christo.

—Qual delles, o *Lelé*?

—Não; por ora trato do primeiro ou *primitivo*.

—V. é como *carneiro*, quando dá com a cabeça para uma cousa ninguem o pode aturar.

Vamos la com a historia.

—V. Ex. sabe que gato, que nunca comeu azeite, quando come se lambuza.

—Até ahi morreu o Neves.

—Attenda-me V. Ex.

—Ora não me masse!

—Mas o *primitivo*...

—A dar-lhe V. com o diabo do *primitivo*! Conte sua historia e empiece-se.

—... conversava com o negociante *Menezes* que é duro como uma *rocha*, e dizia:

«Sr. *Menezes*, é muito bom o homem ter posição! Ha pouco tempo eu passava por esta cidade e ninguem fazia caso de min; mas hoje acontece o contrario. Por qualquer parte que eu passo uns mo saudam:

«Sr. subdelegado como passa V. S.

«Outros — Sr. capitão, V. S. faz favor!

«Vejo-mo tonto.»

—Ora *bollas*! Massa V. um homem tanto tempo para conversar uma asneira!

—Porém eu contei isto a V. Ex. para ver a *fofoca* do tal mariscador dos mangues de Santo Amaro; do menino que por la fez suas *cousinhas* e por desgraça de Latronopolis chegou a subdelegado!

—Pois estes é que são os bem aventurados!

— Vou-lhe contar uma historia lugubre. E' mais uma victima da perversidade, uma desgraçada pela ingratidão dos homens.

Não ha muito tempo, casualmente achei-me n'uma reunião familiar. Muitas moças e alguns cavalheiros formavam nessa sala um quadro de confraternisação e a legria.

L. . . , ahí estava, porem, um tanto affastada, escusando partilhar do contentamento e brinquedo.

Seu rosto moreno, sympathico, apresentava profunda melancholia e tristeza. Ora suspirava, ora absorvia se em profunda meditação.

Aproximou-se d'ella outra moça, e brandamente lhe disse:

— Que tens?

— Nada, respondeu.

— Estás tão pensativa; não eras assim.

— Não.

— Que deu logar a uma tão subita transformação?

— Nada, deixa-me.

— Perdôa, L. . . , mas bem sabes quanto sou tua amiga. Entre nós nunca existiram segredos. O teu e meu coração eram um só.

— Sim, mas agora . . .

— O que?

— Deixam de ser.

— Ah! Duvidas de mim. Não o pensei!

— Não; não duvido; sou indigna, tenho vergonha de ti.

— Porque! Aconteceu-te algum revez? Diz m'ô. Não me fazias confidente dos segredos de tu'alma, não me contavas o teu amor com Julio?

— Oh, por Deus. C., não pronuncies mais esse nome! Não me queiras ver morrer, disse ella n'um tom afflictivo e que mal se ouvia.

— Que aconteceu, L. . . . ? Vamos. Impressiona-me teu estado.

— Pois bem; preciso desabafar, será um allivio. E's minha amiga, não? Vem.

.
— Bem sabes, contei-t'ô muitas vezes, como amava Julio. Elle era o meu amigo verdadeiro, a minha felicidade e

ondo encerrava-se toda a minha esperança. Amei-o como pode amar um coração de mulher, com fogo, com paixão, com loucura. Viver sem elle seria a morte, deixar de vel-o um dia, martyrio. Deixei-me levar por suas palavras. Julguei verdadeiro os protestos d'amor que tantas e repetidas vezes me fazia, e elle teria de mim a propria vida, se m'a pedisse.

(Aqui, L. . . . passou o lenço pelo rosto humedecido de lagrimas, soltou um profundo suspiro, e continuou)

(*Continua.*)

VARIETADES.

FALLAR BAIXO A UM SURDO.

Le-se na chronica quotidiana do *International*, que em uma das ultimas sessões do tribunal criminal de Oud Bailey, um negociante de vinhos, que devia fazer parte do jury, chegou-se a um dos empregados para dizer-lhe que não pode tomar lugar ao lado dos outros jurados, porque e surdo.

— Que diz elle? perguntou o juiz.

— Diz qué é surdo, mylord.

O juiz voltando-se para o negociante, perguntou-lhe em voz baixa:

— E' verdade?

E' sim, mylord, respondeu immediatamente, sem reflectir que cahia em um laço.

UM AMIGO OBSEQUIADOR.

Quem está ahí? perguntou Serapião, que ja deitado em sua cama em noute tempestuosa, fôra despertado do somno por fortes pancadas á porta.

— Um amigo, foi a resposta.

— O que queres?

— Quero dormir aqui o resto da noute.

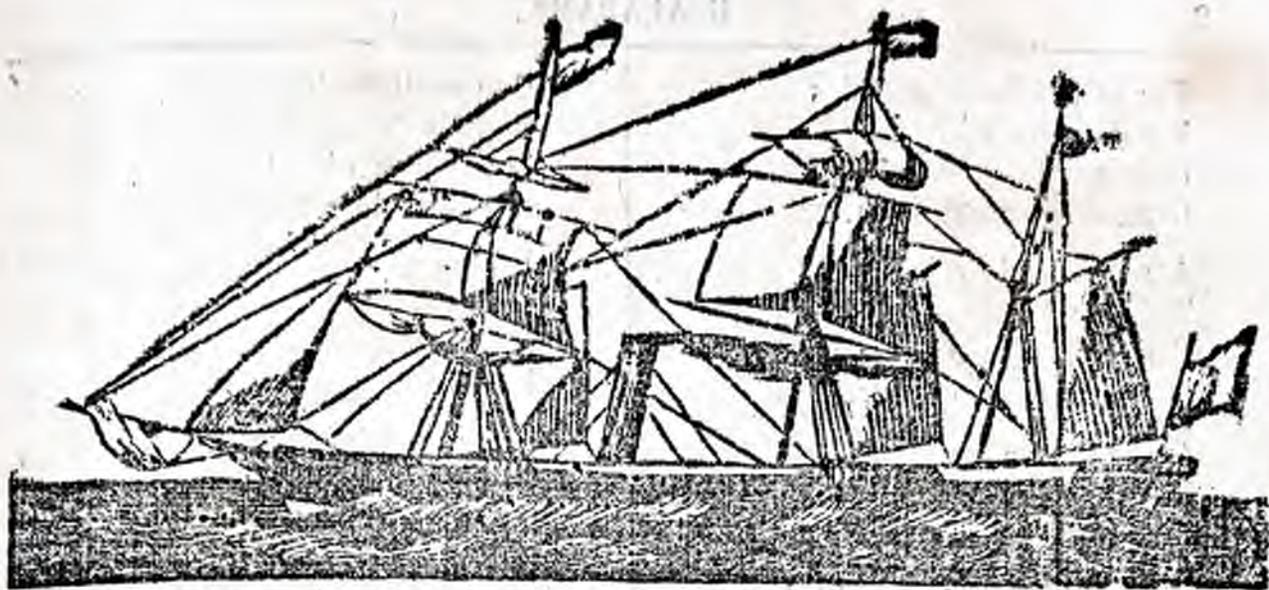
— Não tens máu gosto, podes ahí ficar, foi a benevolente resposta.

ANNUNCIOS.

Vende-se um piano em bom estado; quem pretender dirija-se a loja de ourives defronte do Rosario da Baixa dos Sapateiros, que achará com quem tractar.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Na rua dos Ourives loja n.º 9 B, na Saude, rua do Jogo do Lourenço, casa n. 199, vende-se bom café muido puro.



O ALABAMA

PERIÓDICO CRÍTICO E CUSTOSO

BÁHIA—ANNO VI.

25 DE JANEIRO DE 1868.

SERIE 32.^a—N. 313.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1.^o \$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5 \$ rs, por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando for folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 24 de janeiro de 1868.

Portaria á Chapadista, advertindo-lhe que ponha cobro á suas crias para que não atropellem com pedradas ao pobre cego Roldão, o qual é victima das bregeiradas de tão desastrados moleques, acontecendo, não raras vezes, errarem elles o alvo e algumas dessas pedradas irem bater em quem vae passando. Cumpra.

— Ao fiscal geral, ordenando-lhe que observe a postura municipal n.º 21 em relação ao armazem do Aza Preta. Cumpra.

LA VAE VERSO.

Carta do Capitão do «Alabama» a seu correspondente na corte, o Patuseo

(Continuação.)

— Como lhe ia dizendo,
La vae a descripção

De tudo o que observei
Da lavagem na funcção.

Desde as tres da madrugada
Havia gente em caminho,
Batendo pelas tavernas
Para tomar seu copinho.

A's cinco'horas da manhan,
Estava o campo coalhado,
E o caminho parecia
De gente um mar espelhado.

Manuel Girota tambor
O primeiro toque deu,
E a phalange criolar
Em linha se estendeu.

Quando deram sete horas
Começou-se a patuscar,
Indo a gente feminina
Ao chafariz agoa buscar.

E' quando se pode ver,
Creia isso com pureza,
Quanta obra de primor
Produziu a natureza.

«Eu quizera ter uns olhos
«Que fossem devoradores,
«Que meu peito fosse rede
«E meus labios pescadores.

Faz so perdor os sentidos
Ver dengosa mulatinha,
Com o pote na cabeça
Como faceira caminha.

A requebrada crioula
Toda a se remecher,
Correndo p'ra o chafariz
Ir sua panolla encher.

Ainda bem a lavagem
Não se ia terminando,
Para carregar a lenha
Foi o rancho se formando.

Divididas por altura,
Em pelotões se fizeram...
Ao depois eu lhe direi
As commandantes quem eram.

O patusco mestre Marcos
Poz-se na frente do bando;
Leva o bombo na cabeça
E la vae *sapateando*.

Um bem chorado lundú
Toca a sucia barbeiral,
Regida pelo tal Marcos
Que é della o maioral.

Floripes no seu piston,
Manuel Calango no baixo,
Dizendo de amor a decima
Do prazer accende o facho.

Atraz delles vem Mafalda
E sua amiga Thomazia,
Henriqueta bolachão,
E a comadre Athanzia.

Depois, Sinhô Zé Canastra
Apezar da sua giba,
Vae mettido no pagode
Pulando como guariba.

Apoz vem Serapiana
Que no lundu faz cobiça,
Traz a saia arregaçada
Mostrando perna roliça.

Um sujeito, que herdando
Um *campo*, *limas* plantou,
Suando como um corsel
Depois da hora chegou.

Lá vem Maria Philippa
Como cutia ligeira,
Correndo para tomar
Seu logar na brincadeira.

Que sentimentos eu tive,
De não ver o Coestino!
Saudades do Pr. Lanigero,
E' causa do seu destino.

Miguel peixe gallo tem,
Creia, um gosto estragado!
No chapéu levava a conta
Dos logros que tem pregado.

Com elle ia uma sucia
Que me poz de bocca aberta;
Cascavel e Meia Noite,
Cobra viva e Felisberta.

Com um *patacão de sola*
Pendurado na cintura,
Ia pintando peruta
Uma certa creatura.

Henriqueta olho de vidro
Com seu lenço de veludo,
Todo bordado de ouro
Causava inveja a tudo.

O *Calombo das Ombreiras*
Traz consigo um cartapaço:
São bilhetes prohibidos
Que anda vendendo um maço.

O coronel Tranquilino,
Que se diz arrependido,
Vi no meio das creoulas
Bem gamenho e derretido.

Uma voz que na cabeça
Elle traz, assim lhe dice,
Que chegando no Bomfim
Esquecesse a beatice.

(*Continúa.*)

A PEDIDO.

— Capitão, informaram-me de um facto.

— Conte-o.

— V. Ex. já deve saber que está ha muito tempo doudo aquelle pharmaceutico que morou na rua das *Contas Enfiadas*, defronte da casa do *João Pereira*.

— Sei disso. Está doudo furioso, que até já quiz dar no pae, quando aliás era um bom filho em seu perfeito juizo.

— Pois é deste moço o facto que lhe vou contar.

O pae deste moço, extremoso como é por seu filho, tem empregado todos

os meios para vel-o bom; mas sempre baldados. Agora, porém, metteram na cabeça do pobre pae que o filho tem o diabo no corpo, e levaram a elle o *grão-sacerdote* do spiritismo, que dizem saber tirar o espirito maligno, esto pediu ao infeliz pae que o moço fosse para sua casa afim de tratá-lo, pois como de facto se achava com o espirito maligno no corpo, em vista das proezas que fazia.

O pae, coitado, cahiu na asneira de assim o fazer para ver restabelicido seu filho da furiosa loucura que soffro.

Sabe V. Ex. a maneira pela qual o tal *grão-sacerdote* está expulsando o espirito maligno do corpo do pobre moço?

—V. o dirá.

—Todos os dias é este moço açoitado de fazer *pena*, depois se lhe applicam cilícios e outros muitos castigos, que diz elle *grão-sacerdote* serem applicados ao diabo, afim de que elle retire-se do corpo humano á que está encostado.

—Forte patifaria!

A policia não tem conhecimento desses factos?

—Ora a policia! Pois V. Ex. está vendo que o *delgado* manda pelo seu *camarada* distribuir cartas dirigidas pelo *grão-sacerdote* a S. Ex. Revma., respondendo a pastoral que fulminou o spiritismo, como faz esta pergunta?

—Na verdade isso é o requinte do desaforo.....

Tem rasão! A policia apoia essas e outras patifarias!

Mas onde é a casa desse *grão-sacerdote* do spiritismo, que quero mandar lá o muxingueiro fazer-lhe uma visita?

—Não disseram-me onde era a casa; mas que este sacrificio é feito *atrás* de um muro que fica nos fundos das freiras.

—Pois bem: ja que a policia não dá providencias a isso, porque tambem é spiritica, eu mandarei o muxingueiro zurzir de taca esses tratantes!

(Continuação.)

—Como não ignoras, Julio tinha a franqueza de filho na casa de meu pae, onde como tal já era considerado, e, segundo promettêra breve me despo-

saria. Eu anciava por esse momento feliz.

Um dia... perdoa-me C..... um dia, depois de um ardente beijo, fez-me uma má proposta; pediu-me uma entrevista nocturna. Neguei-lh'a. Elle mostrou-se agastado e ameaçou-me com a sua ausencia. Chorei muito, e vacillei. A confiança, porém, o amor que nelle depositava, o meu coração palpitante, não resistiram ao seu pedido. Anui, disse-lhe que sim, e elle, radiante de alegria, deu-me outro osculo e marcamos o sitio e as horas para encontrar-nos a sós.

L.... parou por instantes. respirou e proseguiu.

—No momento aprazado, um nos braços d'outro nos achamos... N'aquella hora maldicta, eu disse ao meu amante: «Julio, vaes desgraçar-me, e depois não reparas teu erro,» e elle retruceu-me. «juro pelo céo, pela Virgem Maria, desposar-te.».....

E o crime commetteu-se...

Passados tempos, vi os effeitos do meu erro. Era mãe!..... Fil-o saber a Julio, que com sarcastico riso recebeu aquella noticia. D'então por diante comecei a notar nelle certo aborrecimento, e temi pelo meu futuro. Mais tarde, não pude occultar a meu pai minha criminalidade, porém asseverando-lhe que Julio era de character o tinha bom coração. Imagina em que penuria me via. Nasceu o fructo do illicito amor... Que vergonha! C..... não é? oh! o coração estala-me de dor!

—Tem esperança, L....., não se morre de um golpe. Podes ser feliz ainda.

—Jamais. O mundo para mim é um inferno, onde só vejo figuras de Satanaz. Escuta. Indá não findei. Os dias decorriam, e Julio acabou por quasi ausentar-se totalmente da casa. Meu pranto ja o não commovia, e fazia-o affastar. Nem os vagidos do innocente, seu retrato fiel, lhe moviam para mim uma palavra de consolação, uma esperança. Antes fitava-me por demais. Julguei-me verdadeiramente perdida o enganada por um monstro. Pedi a

meu pae que fallasse com Julio para reparar o mal que fez, desposando me. Meu pae assim obrou. Agora queres saber a resposta que meu pae obteve e que eu tenho gravada em minh'alma? foi esta:

«E' falso tudo isso que me impucta. Seria outro, não eu, e nesse caso não desposarei uma mulher que, . . .»
Oh, G., isto enlouquece! Si eu fora que tivesse obtido essa resposta, teria procurado uma arma mortifera o tirar-lho-hia a existencia; seguil-o-hia após, mas bem vingada. Infamo! . . . O odio que voto a Julio excede ao amor que me arrastou ao precipicio. . . Esperarei. O remorso lhe trará o arrependimento. Serei vingada.

— Elle ha de reparar seu erro.

— Hoje regeitaria. Considero-me uma perdida. Para a desgraça nasci, nolla morrerei.

— Resignato, L. . . . O Omnipotente vela pela innocencia.

— Não creio em Deus.

— Não blasphemes.

— Sim, blasphemo, porque elle não ouve minhas preces; so imploro um tremendo castigo para o infamo que me enganou. Quando o vir. e assim deixarei tambem de existir para o mundo, asseguro-t'o.

— Não penses assim.

— Agora que de tudo sabes, avalia a minha posição, guarda segredo, e não me dês palavras de consolação — não as quero. Vamos para a sala, estou centento.

Na verdade, o estava; mas tinha o riso nos labios e a mais pungente dor no coração.

Como Julio, procedem muitos; trahem-se a si proprios.

«O homem é perigoso como o raio. Fere e deixa a ruina.»

CURIOSIDADE.

Será verdade que na noite de 15 do corrente foram cercadas e varejadas todas as casas dos africanos libertos, rendeiros das fazendas Santa Cruz e Ubarana, situadas no districto do Rio

Vermelho, por ordem do respectivo subdelegado?

Que não querendo a mulher do africano Balthazar, abrir seu bahu, como exigia um encarregado de tal diligencia, fora a mesma africana por elle esbofetada, seguindo-se d'ahi grande desordem pela luta que outro ellos houvera?

Estariam escondidos no bahu da africana alguns recrutados, ou os decantados assassinos da freguezia de Brotas, que se acoitavam na casa de Geraldo Lopes, pelo que foi cercada e varejada na noite de 13 do corrente pelo proprio subdelegado daquello districto, sendo o resultado recrutarem do pobre homem a quantia de 58\$ rs.?

Comquanto este facto seja notorio no Rio Vermelho, duvidamos de sua veracidade, por estarmos persuadidos de que os africanos não podem ser recrutados e não constar outro motivo para o tal cerco e varejo em suas moradas.

Só o Sr. subdelegado poderá satisfazer a nossa curiosidade, si quizer.

O abelhudo.

ANNUNCIO.

GRANDE COSMORAMA.

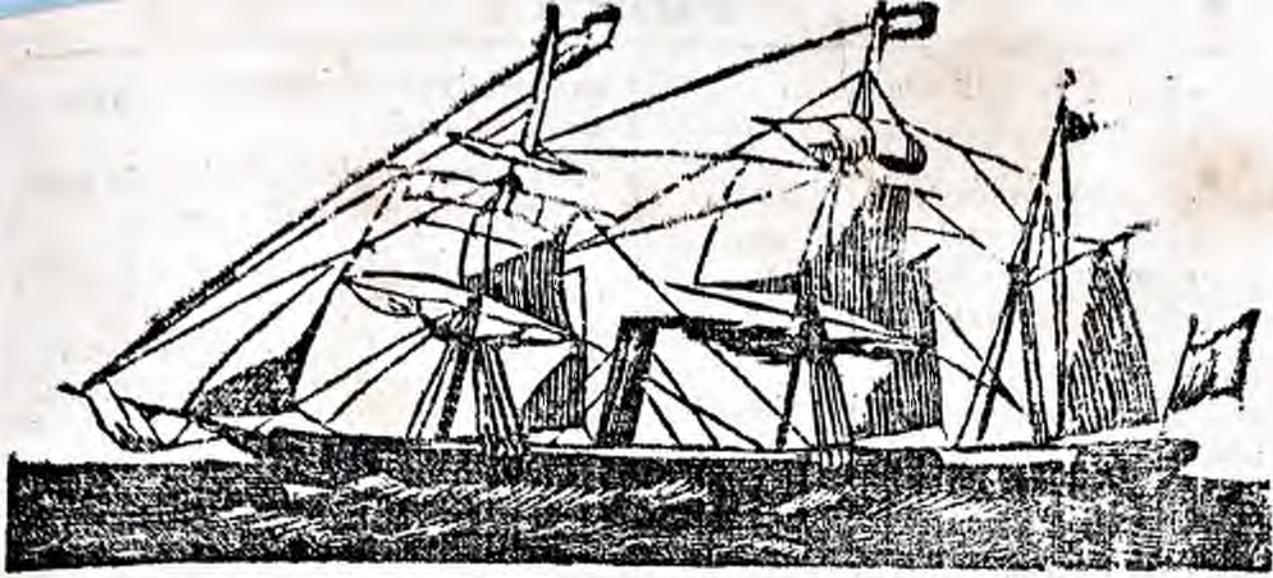
DISTRACÇÃO DO BOMFIM.

AO LADO DA CAPELLA, NA LINHA DAS FEIRAS.

O proprietario do **Cosmorama do Bomfim** tem a honra do convidar a concurrencia de toda esta capital para o seu **estabelecimento do recreio**, recommendando-o a todos em geral, que alli encontrarão o melhor divertimento, attentos os grandes esforços que tem feito para leval-o ao ultimo ponto de accio e commodidade.

Pelo diminuto preço de 500 rs. tem-se o direito de visitar o **Cosmorama**, ao som de um lindo e harmonioso reallejo, em que se toca excellentes peças de musica, e contemplando-se dez interessantes vistas da Europa, alem de receber um presente designado pela sorte.

Espera-se a coadjuvação do publico desta cidade a um estabelecimento, que se torna digno de sua protecção.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

29 DE JANEIRO DE 1868.

SERIE 32.—N. 316.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., meos quando for folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 28 de janeiro de 1868.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe do polica, communicando-lhe que n'um recanto, que faz um pequeno muro na egreja da Baixa dos Sapateiros, reúnem-se todos os dias uma malta de meninos e moleques, que sabem com vendas de seus senhores, para jogarem á dinheiro o jogo da bola, o qual consiste em cinco pausinhos enfiados n'um monte de areia os quaes servem de alvo para atirarem a bola o o que arranca os paus ganha; resultando dahi não só grande algazarra e desordens, como prejuizo para os paes e senhores, pede-se a S. S. que faça acabar tão licito divertimento, aproveitando a occasião para augmentar a companhia de imperiaes marinheiros com algum que encontre alli apto para isso.

—Cahiú hontem, ás 3 horas da madrugada, um sobrado á rua dos Capi-

lães, que ja ha muito ameaçava desabar.

—E houve algum caso a lamentar-se?

—Felizmente nenhum.

—O celebre author do—*Album da rapazeada*—apresentou outras inspirações de sua prostituta veia no bando annunciador dos festejos de S. Gonçalo.

—Como?

—Tudo quanto é de obsceno, immoral, incapaz de ser lido em familia, existe no tal bando, que desafiou a indignação e o pudor publicos no domingo, quando foi distribuido.

—E houve quem tivesse a coragem de mandar imprimil-o?

—Ora si houve. Para a desmoralisação e corrupção, todos estão promptos. E' bastante reproduzir-se somente algumas partes de obscenidades, para fazer juizo do quo elle é: eil-as—

«Do Santo tereis por certo
«Bem favoravel despacho:
«Para todo peixe femea
«Não faltará peixe macho.

«A mesma viuva idosa
«Pescará para o seu cofre,

«Rapaz, ou velho que gosto
«De tomar rapé com mofo.

«Do seu noivado ha de om breve,
«Pular no ardente sarão
«Quom da bandeira do Santo
«Pegar com fervor no pdu.

—E' muito!?. . .

—E' para ver como está tudo entro nós. Outros muitos pedacinhos existem, que os ommitto de vergonha.

Eis aqui a producção de um velho poeta, que antes deveria ser appellidado—versejador do becco do Grello.

—O diabo metteu-se atraz da orelha da Companhia Bahiana que não a deixa.

—Algum successo?

—Ora!

—O que foi?

—E si não acontecesse, eu não sabia que para os empregados da companhia, a vida de um homem vale tanto como uma sardinha.

—Mas o que foi?

—O Sr. Augusto Cezar d'Oliveira que ia morrendo afogado.

—Como?

—V. sabe que, naquella ponte tão extensa, deitam apenas uma lanterna com luz amortecida na extremidade da ponte.

—E' verdade.

—Tem se pedido a companhia que não seja tão sumitica a esse respeito, mas em balde.

—O Sr. Augusto, ao embarcar-se, encherrou mal, pisou em falso e foi n'agoa; clamou por socorro, mais ninguem se moveu! Trez vezes foi ao fundo e veiu á tona d'agoa sem que lhe prestassem socorro; correndo alem disso o risco de ser esmagado entre o vapor e a ponte. Por fim poude agarrar-se a um pau e salvar-se, concorrendo para isso o Sr. Jovino Cezar da Silva que lhe deu a mão.

—E' doleixo imqualificavel.

—E' deshumanidade imperdoavel.

—Aqui está como se cumpre a apregoada circular do Sr. Azambuja rec-

commendando moderação e prudencia no recrutamento.

«Requerimento despuchado pela presidencia a 14 de janeiro.

«Vicencia Maria da Conceição, CRGA; pedindo ser posto em liberdade seu filho, unico arrimo, Manuel Raymundo, do Oliveira, recrutado pelas AUTHORITYS DE GEREMOABO.»

—E não foi solto?

—Foi.

—E o que mais quer?

—Mas como se pratica impunemente arbitrariedades destas?

Como é que o governo sanciona com sua mudez, que uma authority desenfreada e despotica transgrida suas ordens, recrutando um homem legalmente isento, obrigando uma pobre mulher cega a transpor legoas e legoas por invios caminhos, sabe Deus com que penosos sacrificios, para vir a capital reclamar aquelle que é o amparo de sua desgraça?

Como se consente que os direitos do fraco sejam calcados atrozmente por uma authority atrabilaria, a despeito das determinações do governo?

—V. vae pelo que está escripto no papel? Está bem servido!

—A mulher que dê graças a Deus de achar o homem de bom humor, que lho restituiu o filho; si é n'um dia em que S. Ex. está atacado das hemorrhoides, não haviam cegueiras que valessem.

—Vão ver que a tal authority de Geremoabo hado ter breve um habito, alem da irresponsabilidade de-seus desvarios.

—Isso de responsabilidade é historia.

Tambem o Sr. Azambuja manda todos os dias para a corte corcovados e aleijados e ainda não pagou as despesas de transporte de nenhum, como manda uma circular do ministro da guerra.

«— Maria Ramos da Conceição; pedindo ser posto em liberdade seu marido João Francellino Velloso, guarda nacional do batalhão 111, dado como contingente. — Não tem isempção legal.»

— Isso é requerimento despachado?

— E'.

— Compreendo V o que significam estas palavras — não tem isenção legal?

— Querem dizer a infeliz — amanhã, si quizer comer, va vender o corpo ao primeiro que lhe atirar a moeda da prostituição; os prostibulos não faltam ahí, abra sua casa, va augmentar o numero das prostitutas.

— Grande Deus! E' horrivel tão pavoroso quadro!

— Entretanto é a realidade.

— Veja o governo de nossa terra como é.

Emquanto põe péas as folhas nacionaes, que com elle tem contractos de publicações officiaes, para que não recebam a minima censura aos actos de sua administração, vê impassivel que o periodico *The Anglo-Brasilian-Times*, folha subvencionada pelo ministerio d'agricultura com 16:000\$ rs. annuaes, em artigo de fundo derrame atrozes injurias contra o marquez de Caxias.

— E até ha quem diga que o proprio governo foi quem mandou escrever contra o nobre marquez.

— Que novidades trouxe o *Navarre*?

— No *Jornal do Commercio* encontrei apenas o seguinte:

«As ultimas noticias do theatro da guerra transmittidas pelo telegrapho do Buenos-Ayres, rezam assim:

«No dia 6 os paraguayos bombardearam o acampamento alliado de Tayu-Cué. A 7 os argentinos bombardearam o dos paraguayos.

«Passaram-se alguns paraguayos para o acampamento argentino. Nada mais importante.

«Das trincheiras paraguayas vieram dar ao campo dos alliados cem mulas e burros em bom estado de gordura.

«Pelejou-se no dia 10. O mangrullo dos argentinos foi derrubado. Houve muitos mortos e o resultado ficou indeciso.

«Mitre retira-se com tres regimen-

tos. No exercito preparava-se uma grande expedição e a esquadra dispõe-se para passar Humaylá.

«A cholera-morbus faz estragos.»

— Da côrte, nada?

— A questão do cambio tem movido sussurro geral.

Algumas casas inglezas exigiam em ouro o pagamento de suas mercadorias.

— Tudo caminha para o desfecho geral desta grande demora.

A PEDIDO.

— Tome esta, capitão!

— Varro.

— Estou fallando serio.

— Pois guarde-a para seu uso.

— Si não me quer ouvir, retiro-me.

— Ora vamos lá com essa massada.

— Como é, capitão, que um subdelegado de ordenança atraz va deitar gallos a brigar?

— Deitando. Isto hoje é um divertimento de qualquer rapaz da moda.

— Mas, capitão, elle tem isso como negocio e não como divertimento.

— Qual! Pois será possivel que um subdelegado, que sem duvida nenhuma deve ser um homem que tenha rendas, vá deitar gallos a brigar com o fim de ganhar?

Será possivel que uma authoridade policial deite gallos a brigar, uma cousa prohibida pela policia?

— Ora a policia! ca... ca... ca...

A policia em nossa terra está prostituida. isto é, ella era uma senhora honrada; mas depois que se entregou cargos policiaes ao *Lelé*, subdelegado da freguezia d'*Avó de Christo* e outros da bitola d'elle, que esta senhora converteu-se em messalina.

— Diga V. o que quizer, eu estou certo de que o subdelegado mette-se neste *brinquedo* como divertimento e não como meio de vida.

— Si não é como meio de vida, para que elle se reune com o homem *malhado*, e apostam dinheiro, para verem os pobres animaes se estrefegarem? V. Ex. está no mundo da lua. Pois olhe, elles dizem que esta é uma maneira de se viver *licitamente*!

— Historias! Como vêm que o homem a progressista, o querem desacreditar.

— Basta, capitão, não se zangue, peço-lhe licença para recitar uma chula, que ouvi cantar na noite do Reis no rancho de uma burrinha, na fonte onde ha muitas pedras.

— V. a tem.

— Então la vao.

Na freguezia d'Avó de Christo,

Existo um recrutador,

Por mandado d'um barão,

Visto ser seu batedor.

— Mas não ouviu esta que é de maior alcance.....

— Sufa.....

— do mesmo cujo.

Bravo yoyô Aurelio

Já sei com quem é a cousa;

E' com o cabocolinho

Chamado Brito de Souza.

— Capitão!

— Diga.

— Conhecendo que V. Ex. é versado nas letras divinas e humanas, venho fazer-lhe uma pergunta.

— Qual?

— Si um homem, que se casa com uma moça, está por esta causa casado com todas as irmans della, e se pode praticar certas libordades, que a moral condemna?

— Isto não se pergunta, porque salta aos olhos a resposta.

— Mas V. Ex. não sabe a razão por que pergunto; é que sendo ignorante, e observando certos actos de um sujeito, fui ao Antonino, que tambem é letrado e lhe fiz a mesma pergunta; elle disse-me que, uma vez casado com uma, tinha-se de facto e do direito jurisdicção sobre as outras.

Já vê V. Ex. que isso não me podia agradar, e então conversando com o Moraes, que pareço sizudo, e elle me disse que consultasse a V. Ex.

— Uma vez que estou de pachorra, deixe-lhe dar uma lecção de moral.

— Aceito.

— Um homem, quando se recebe em matrimonio com uma moça, deve respeitar muito toda familia della, prin-

cipalmente as irmans; evitar certas conversas, o muito principalmente obscenidades; porque não só é isso contra a lei natural, como contra a moral e religiosa, que considera grave poccado; privando o marido que assim pratica de pedir o debito á mulher sem licença da authoridade.

— Muito bem, capitão, estou satisfeito. Vejo que a opinião do Antonino era e é absurda.

Pedo-se a um moço de furta-cores a favor do ir restituir um copo, que por graça, sem duvida, levou no bolso, d'uma venda á Roda da Fortuna; quando na segunda feira p. p. á noite vinha do Bomfim na gondola e saltou ahi para molhar a guela

Não deve causar mal ao proximo, um homem cuja vida é fazer remedios para seus semelhantes e lembre-se, que clama ao *Spirito Santo*, tirar o alheio contra vontade de seu dono.

Portanto, quanto antes vá restituir o copo, si não quer ver a cousa mais clara.

ANNUNCIO.

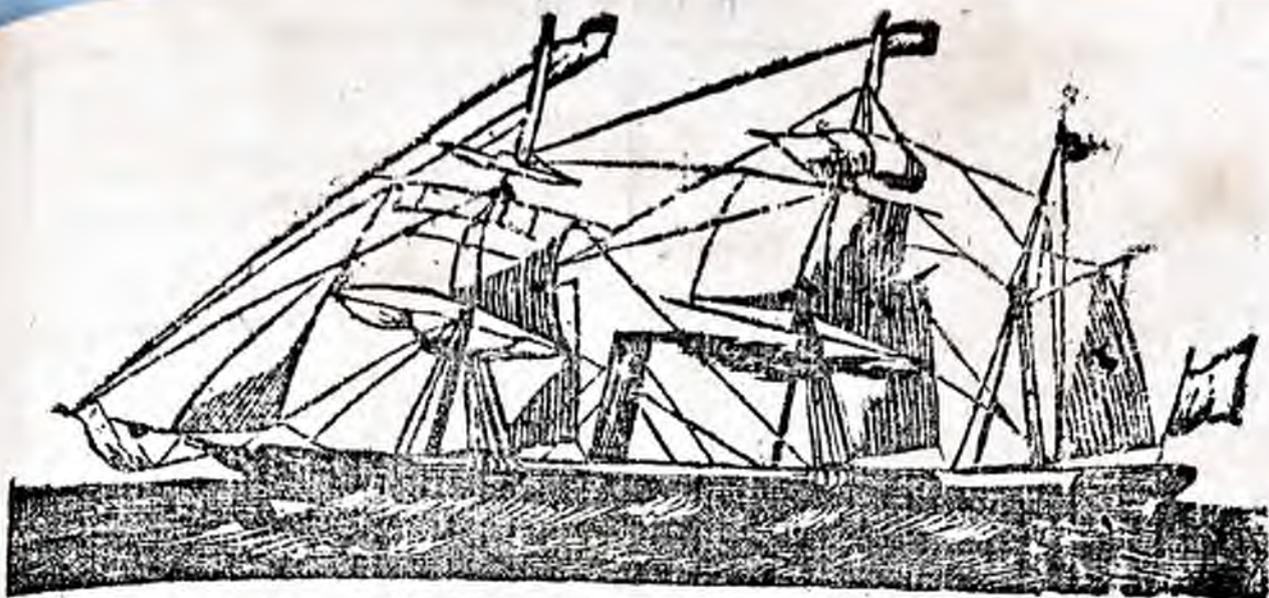
GRANDE COSMORAMA. DISTRACÇÃO DO BOMFIM.

AO LADO DA CAPELLA, NA LINHA DAS FEIRAS.

O proprietario do **Cosmorama do Bomfim** tem a honra de convidar a concurrencia de toda esta capital para o seu **estabelecimento de recreio**, recommendando-o a todos em geral, que alli encontrarão o melhor divertimento, attentos os grandes esforços que tem feito para leval-o ao ultimo ponto de accio e commodidade.

Pelo diminuto preço de 500 rs. tem-se o direito de visitar o **Cosmorama**, ao som de um lindo e harmonioso replejo, em que se toca excellentes peças de musica, e contemplando-se dez interessantes vistas da Europa, alem de receber um presente designado pela sorte.

Espera-se a coadjuvação do publico desta cidade á um estabelecimento, que se torna digno de sua protecção.



O ALABAMA

PERIODICO CENITICO E CHISTOSO

BAHIA—ANNO VI.

31 DE JANEIRO DE 1868.

SERIE 32.—N. 317.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14, 1.º andar, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs., menos quando fór folha dobrada.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 30 de janeiro de 1868.

Officio a Illma. camara municipal, dizendo-lhe que, com quanto as attribuições do seu zelador de arvores seja conservar e não derribar, comtudo sirva-se de ordenar-lhe que mande deitar abaixo o matagal de mamoneiras que ha encostado aos assentos do largo de Santo Antonio.

Espera-se que a Illma. não fique a dormir no caso.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, solicitando sua attenção para o facto criminoso de defloramento da menor de 10 annos, Maria Agostinha, praticado pelo portuguez Luiz de Mattos; facto que parece, pelo geito que o recado leva, cahirá no esquecimento e aquelle individuo ficará com a bocca doce para praticar outro.

Espera-se, portanto, que S. S. fará recommendar á authoridade, a quem estiver incumbida a solução do negocio

de tanta gravidade, que dê prompto andamento a elle, esquivando-se de meos termos o não tendo outras considerações sinão o cumprimento da lei.

—Ao mesmo, communicando-lhe, que um certo espertalhão de nome Candido, chegado ha tempos do Paraguay, entendeu que devia viver suavemente á custa dos incautos e ignorantes, arvorando-se em advinhador, curandeiro e propagador de ventura; e para isso estabeleceu a sua industria á Travessa do Socorro, no Castro Neves, onde leva a expellir diabos, prever o futuro, dar fortuna e outras nigromancias.

E como semelhante especulação alem de ser opposta aos preceitos da religião, offende as leis da sociedade, pede-se a S. S. que faça cessar tal bruxaria, obrigando esse industrioso a procurar outro meio de vida.

— Quer ver um spectaculo apreciavel?

— No theatro?

— Não.

— Onde?

— Na Praça ás 6 horas da manhan.

—O que ha la então?

—O *Magestade* se cutando.

—Ora *vivorum!* logo vi que era algum destempero.

Que mal faz que o homem cate suas pulgas?

—A cousa não é nada, a forma é que é ella.

—Como é então?

—O sujeito arrega as calças e levanta a camisa, de sorte que não fica n'um nem vestido, mas todos vêem o que deve ficar coberto e neste gosto vae cantando pelo corpo os piolhos sem a menor cerimonia.

—Não ha uma guarda alli tão perto, a policia não sabe de madrugada para recrutar, por que deixa?

—Pedacinhos de ouro da fertilissima cabeça, que dirige este abençoado torção das bananas e melancias.

«Jacintho Leopoldino Evervudo Cadete Fri; contingente da guarda nacional, *pedindo oito dias para provar sua isenção* — NÃO ALLEGAISENÇÃO.»

«Joanna Maria da Silva, mãe de Maximiano José de Sant'Anna, contingente da guarda nacional, *pedindo um prazo para provar a sua isenção* — IDEM.

—Apre! Assim tambem é muito!

—Admirou-se?

—Si não fosse um despacho da presidencia, eu lhe pederia permissão para incluil-o n'uma collecção de disparates que estou arranjando.

—E' systema abreviado: S. Ex. tem o dom de advinhar os que podem ou não provar isenção, por isso vae logo indeferindo.

—Não é por isso.

—Tanto é assim que com outros é elle benevolento.

—Cassuada.

—Aqui está a prova:

«Francisco Xavier, pedindo 15 dias para provar a isenção que tem seu filho Speridião Alves, recrutado pelo Dr. delegado do municipio de Maragogipe.

—Concedo 10 dias.

—Meu rico uns tem ditas outros cananitas.

—A presidencia faz figura de papelão.

—V. enlouqueceu? Não diga isso.

—Então mento impudentemente ao povo.

—Antes isso.

—Pois a moderação recommendada pelo governo, consiste em mandar-se para a capital homens casados carregados de filhos?

—Pode acontecer por ignorar-se a condicção do individuo.

—Ora enxote-se! Qual é o commandante abi por fora que não conheco todos os seus guardas?

—O que parece averiguado é que se manda publicar uma cousa e particularmente ordena-se outra.

—Tambem pode ser.

—Aqui vae um acto que prova isso.

«Officio ao coronel commandante das armas. — Expeça V. S. suas ordens para que seja posto em liberdade o guarda nacional Luciano José d'Araujo, que foi dado como contingente do batalhão do municipio de Nazareth, visto *haver provado ter tres filhos e ser casado.*»

—Do Rio Grande remetteram-nos o seguinte:

Previne-se a esposa do major Firmino José Damasio de Mattos, que aquelle major sem seu consentimento acaba de vender na cidade do Rio Grande do Sul, aonde é morador, duas chacaras, sendo uma por 2:370\$ rs. a D. Belmira Joaquina dos Santos e outra a Gabriel Ferreira de Souza por 1:015\$ rs. em 15 de novembro de 1867, cujas escripturas foram passadas no cartorio do escrivão Noronha.

Sabo-se aqui no Rio Grande que esse major é casado, que não está divorciado judicialmente de sua infeliz mulher, e que a abandonou sem rasão alguma; porem elle apregôa ser solteiro, e aqui vive com uma meretriz, ao passo que a essa hora talvez sua infeliz mulher mendigue o pão da charidade para sustentar a mais penosa existencia!

Para evitar duvidas declaramos que esse major é irmão do vigario desta ci-

dade José Maria Damasio do Mattos, o
que aqui é solicitador.
Rio Grande, 1867.

Um Bahiano.

LA VAE VERSO.

MOTTE.

*O grande Brasil de ouro,
Stá reduzido a papel;
Com taes atrazos prepara
Um desgraçado pamel!*

GLOSA.

Si a nossa população
Usasse de mais prudencia,
Teria grande influencia,
Seria mais forte nação!
Mas ha tanto toleirão,
Tanto papão do thesouro,
E com tanto desaforo
Nas gazetas a fallar,
Que só querem desfructar
O grande Brasil de ouro.
Tu és bem feliz, Brasil,
E's a terra da riqueza;
Os velhacos com destreza
Tem te poste n'um funil;
Dos patifes no covil,
Formando grande aranzel,
De estrangeiros um quartel
Vae chupando o mel gostozo:
Nosso metal precioso
Stá reduzido a papell! . . .
Mil contendias de eleições,
Descomposturas, partidos,
Desejam nos por perdidos,
Cauzando riso as nações;
A cada canto, mandões,
Os quaes ja ninguem repara,
No nome nem na figura,
Muita somma de impostura
Com taes atrazos prepara.
Certo tempo ha de chegar
Do darmos tudo que temos;
A receita que devemos
Não ha quem cuide em pagar! . . .
Inda havemos de aturar
Da guerra presente o fel,
Dos loucos cresco o farnel,
E matando tanta gente,
Vão formando lentamente
Um desgraçado painel! . . .

(*Extr.*)

A PEDIDO.

- Sufa! Nem tanto.
— Nem tão pouco.
— Muita cousa tem se visto neste mundo, porém os filhos intentarem desherdar a mão para lhes caber mais algumas patacas, é demais!
— Isso é serio?
— Ora!
— Que antropophagos do ouro!
— E até aonde pode chegar a degeneração da especie humana.
— Deixal-os saciar seu vampirismo metallico.
— Querem vender o nome honesto de quem lhes deu o ser e preferem que, por um punhado de vintens, a turba ao vel-a passar aponte — ali vae uma concubina.
— Ah! terra dos *Andrades* quanto differes nos *dias* de hoje dos teus passados tempos!
— Valha-me Santo *Ignacio!*

O Cabeça de Canôa estará no caso de regeitar familias honestas, que foram lembradas para serem convidadas para o baile da Recreativa da Calçada?

Responda

O Filho espurio.

- Conheceu mestre José?
— Não.
— Um sujeito que fazia borlas e penachos.
— Recordo-me. O que teve?
— Morreu.
— Isso é cousa muito natural.
— Porem não é natural que o Diabo Cõxo lhe empalmasse o testamento.
— Eim?! . . .
— E' o que lhe digo.
— Admira! Um homem que parecia tão religioso e devoto de Nossa Senhora!
— E de facto o era.
— E como o diabo teve poder para carregar-lhe o testamento?
— V. é um patola.
O Diabo coxo é creatura de carne e osso como nós. Suas artes é que são do capeta.
— Quem é esse reprobado?

— O Carrinhos.

— Ora onde estava eu! Então?

— Roubou o testamento, apresenton entro a seu geito, deixando a viuva na desgraça.

— Que ladrão! Tem todas as baldas más com sigo.

— E pegou esta febre contagiosa de testamentos falsos, que a cada canto formiga um!

— Bemaventurado é o Dr. Sudré, por que cahiu na graça do governo e alcança tudo quanto deseja.

— Amen.

— Medico dos menores aprendizes, larga-se ali por fora a desfructar os prazeres da vida, com aquelle genio ardente de que é dotado e mal expira uma licença, eil-o reclamando outra.

— Porem deixa quem o substitua.

— Com essa theoria eu amanha também posso requerer um logar de lente da schola de medicina, pedindo para deitar um medico, que leccione por mim.

Não ha vida melhor! ganhar os cobres nas costas do cujo e dar-lhe uma tutemêa por seu trabalho!

— Isso mula de figura.

— Era bem bom que qualquer empregado publico, que obtivesse uma licença nomeasse o seu successor! Eu nunca vi isso, o governo foi sempre quem proveu os logares.

— Mas agora no reinado do progresso todas as cousas mudaram.

— Assim, não digo mais nada.

PERGUNTA CURIOSA.

Será possível que um soldado, que teve baixa do exercito por myope, possa exercer o logar de escriptão de um almoxarifado, pelo simples facto de ser primo da *senhora das industrias*?

Tudo se ha de ver nesta epocha do progresso.

O Baratinha.

— Andar assim, que é bom andar! Enquanto venta molha-se a vela.

— A que vem isso?

— Sobre uma pequena fatia que deram agora a um dos felizes da epocha.

— Quem é elle?

— O José Nunes de Araujo que teve uns 23\$rs. por mez a contar de julho do anno p. como administrador do lazaretto que nunca existiu, estabelecido na fazenda Bom Despacho.

— Bem diz o *Jornal da Bahia* que, como que ha uma lucta entre os agentes da politica dominante á ver quem mais desbarata os dinheiros publicos que tanto se custa, a pagar.

O *Coelho* paga bem a quem lhe apresentar um balaio com diversos comestiveis, que o ganhador tendo-se embebedado na noite de sexta feira, ás 8 horas, deixou ficar em alguma parte para adormecer. O *aza preta* e *Xico carêca* informam e attestam a veracidade, pois foram quem remetteram, porque não podendo fazer de dia, fazem de noite para *não dar na vista*.

ANNUNCIO.

GRANDE COSMORAMA.

DISTRACÇÃO DO BOMFIM.

AO LADO DA CAPELLA, NA LINHA DAS VEIRAS.

O proprietario do **Cosmorama do Bomfim** tem a honra de convidar a concurrencia de toda esta capital para o seu **estabelecimento de recreio**, recommendando-o a todos em geral, que alli encontrarão o melhor divertimento, attentos os grandes esforços que tem feito para leval-o ao ultimo ponto do acao e commodidade.

Pelo diminuto preço de 500 rs. tem-se o direito de visitar o **Cosmorama**, ao som de um lindo e harmonioso reallejo, em que se toca excellentes peças de musica, e contemplando-se dez interessantes vistas da Europa, alem de receber um presente designado pela sorte.

Espera-se a coadjuvação do publico desta cidade á um estabelecimento, que se torna digno de sua protecção.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.